



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS

FaE
Faculdade de Educação

**MEMÓRIAS XAKRIABÁ:
HISTÓRIAS E MITOS CONTADOS PELOS MAIS VELHOS**



Valderina Gonçalves De Queiroz
Valneci Gonçalves Queiroz Das Neves

**BELO HORIZONTE
SETEMBRO, 2020**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS

MEMÓRIAS XAKRIABÁ
HISTÓRIAS E MITOS CONTADOS PELOS MAIS VELHOS

Valderina Gonçalves De Queiroz
Valneci Gonçalves Queiroz Das Neves

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Formação para Educadores Indígenas
da Faculdade de Educação da Universidade
Federal de Minas Gerais como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciatura em
Educação Escolar Indígena

Orientadora: Profa Dra Clarisse Maria Castro de
Alvarenga

Belo Horizonte
SETEMBRO, 2020

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradecemos à Deus, pela força, coragem e determinação para terminarmos essa empreitada. À toda nossa família: pai, mãe, irmãos e filhos, principalmente, aos nossos pais que não mediram esforços para que concluíssemos esse curso. Pai, por ter nos inspirado a falar sobre esse tema e mãe por ter nos dado suporte por todo esse período de curso, cuidando de nossos filhos durante nossa ausência.

Aos nossos entrevistados: senhor Valdemar, liderança da Aldeia Prata, seu Robertão ancião da Aldeia Embaúba 2, dona Anelí, anciã da Aldeia Embaúba 1, ao nosso pai Raimundo Nonato, contador de histórias da Aldeia Brejo Mata Fome. Aos nossos amigos, Edgar Kainaykô, Nemerson Pesekwá, Romildo, por ter nos ajudado nas filmagens, gravações e fotografias. Essa colaboração foi de suma importância para nosso aprendizado e conhecimento.

Às lideranças, caciques e colegiado do FIEI, a Universidade Federal de Minas Gerais UFMG, Faculdade de Educação (FaE), Laboratório de Práticas Audiovisuais (LAPA).

À todos os professores e bolsistas, principalmente a nossa coordenadora Maria Gorete Neto, por sempre defender a causa indígena e nos incentivar a buscar mais conhecimentos sobre nossa cultura, mostrando como é importante ter a presença dos estudantes indígenas na UFMG, pelo seu cuidado e organização com a nossa turma LAL Linguas Artes e Literatura, tanto nos módulos quanto nos intermódulos.

À nossa orientadora Clarisse Maria Castro de Alvarenga, pela paciência e dedicação, por ter nos passado tanto conhecimento, principalmente em Audiovisual, e por ter criado o LAPA (Laboratório de Práticas Audiovisuais), projeto financiado pela Fundação Carlos Chagas e Itaú Social por meio do Edital Anos Finais do Ensino Fundamental: Adolescências, Qualidade e Equidade na Escola Pública, que nos ajudou a aprofundar mais nessa área. Agradecemos à Clarisse por ter acompanhado o desenvolvimento do projeto, por sempre estar disposta a nos ajudar com suas ótimas orientações. Aos bolsistas que estiveram com a gente nessa jornada.

Sem deixar de agradecer também toda família que se formou dentro da UFMG, que a mesma sempre esteve unida durante todo esse tempo, um sempre ajudando o outro nos momentos difíceis e também compartilhando e celebrando as alegrias e conquistas de cada um. Essa união foi muito importante para suprir a falta da família e de nossa casa durante esse período.

À Escola Estadual indígena Bukimujú por ter um calendário específico para os servidores que ingressam no FIEI, por dar todo suporte necessário.

À liderança e cacique seu João de Jovina por ter ajudado a correr atrás para conseguir com que a empresa liberasse para eu fazer esse curso.

Em geral, agradecer à todos que direta e indiretamente nos ajudaram para que conseguíssemos terminar nossa formação.

AGRADECIMENTOS EM VERSOS

primeiramente à Deus	esse projeto para nós
queremos agradecer	foi muito importante
por estarmos aqui hoje	em todas entrevistas
e por sempre nos proteger	aproveitamos bastante
iluminando nossas mentes	a sabedoria dos mais velhos
pra esse projeto desenvolver	nos surpreende a cada instante

Seu Valdemar um homem	Dona Aneli mulher guerreira
de muita sabedoria	não tenho palavras pra expressar
contava suas histórias	nos contando suas histórias
sempre com muita alegria	mas gosta mesmo é de cantar
das narrativas aos mitos	as histórias por ela cantadas
que por aqui existia	não deixa de nos encantar

É do senhor Robertão	Sobre senhor Raimundo
que agora vou falar	um homem muito vivido
ele sabe da luta	suas histórias de vida
do povo xakriabá	e o quanto tem sofrido
e todas suas histórias	suas narrativas engraçadas
é de muito se emocionar	também tem nos surpreendido

Reunimos todos na lapa
onde morava senhor Robertão
contaram muitas história
nessa nossa reunião
foi muito aprendizado
com esses anciões

Queremos agradecer
a comunidade e liderança
que sempre estão com a gente
depositando confiança
e que para nos ajudar
eles não medem distância

Agradecemos à Clarisse
pela paciência e dedicação
que mesmo muito ocupada
mas sempre nos deu atenção
sem ela não seria possível
fazer essa apresentação

Agradecemos a mãe Gorete
com seu pulso forte
pegando no pé dos alunos
mais isso pra nós foi sorte
de tê-la como coordenadora
sempre nos dando suporte

A todos os bolsistas
queremos muito agradecer
dessas pessoas especiais
não podemos esquecer
pois quando apertava
era eles que vinham nos socorrer

A todos os professores
que estiveram com agente nessa jornada
nos ajudando a enfrentar
essa nossa caminhada
nossa imensa gratidão
em geral muito obrigada

Edgar Nemerson e Romildo
não podemos deixar de agradecer
nos ajudaram nas filmagens
para esse projeto acontecer

Aos colegas de turma
precisamos deles citar
pois foram muito importantes
estavam sempre a nos apoiar

agradecemos também Alexia
dela não podemos esquecer

sem restrição de etnia
Pataxó, Pataxó-hahahãe e Xakriabá

A família UFMG
se tornou muito importante
nessa nossa caminhada
essa força que nos garante
longe das nossas famílias
nos ajudaram bastante

A toda nossa família
que nos ajudou bastante
a ajuda de todos eles
foi muito importante
sempre do nosso lado
nos motivando a cada instante

A Lucinha e Célia
nossos sinceros agradecimentos
por ter lido nosso trabalho
que fizemos com sentimento
e por fazerem parte
desse nosso importante momento

Aos ouvintes do youtube
muito obrigado pela atenção
essa força é muito importante
para nossa apresentação
e no final o que importa
é toda essa união

E por fim agradecemos
aos secretários e direção
da escola Bukimuju
que nunca nos deixaram na mão
nos ajudando no possível
obrigada de coração

RESUMO

Nosso trabalho foi feito sobre os mitos e contos contados pelos mais velhos, nosso objetivo com esse trabalho foi registrar gravar e transcrever essas histórias contadas pelos anciões, como elas são contadas, para mostrar a importância que ela têm para nosso povo e as modificações que essas histórias tiveram durante o tempo. Por meio dessas gravações fazer com que os mais novos tenham mais conhecimento por essa cultura, pois vimos como essas histórias estão se perdendo com o passar do tempo. Nesse trabalho fizemos quatro entrevistas com anciões que gostam de contar histórias, fizemos também uma roda de conversa onde reunimos todos nossos entrevistados para que cada um contasse suas histórias, e dessa roda de conversa adquirimos muito aprendizado pois foram contados várias histórias algumas parecidas com final ou personagens diferentes foi muito interessante e divertido. Esse processo foi todo registrado em fotografias, áudios e vídeos.

Essa ideia de reunir todos entrevistados, partiu da nossa orientadora Clarisse, com objetivo também de encaminhar o projeto LAPA (Fundação Carlos Chagas/Itaú Social) em fazer um pequeno filme com as histórias filmadas nessa roda de conversa. O material que produzimos com essa pesquisa, poderá ser utilizado nas escolas como meio de mostrar para os alunos toda essa riqueza das histórias gravadas, que são muito importantes para nossa cultura e não podemos deixar morrer. Nesse trabalho falamos da importância de preservar nossa cultura no modo de como essas histórias, da alegria que temos quando ouvimos essas histórias e da sabedoria dos mais velhos em conta-las. Nesse meio temos histórias de vários tipos, engraçadas, de bichos, encantadas, etc. muitas histórias já foram esquecidas outras modificadas tanto por pra não deixar elas se perderem que surgiu nosso interesse e desejo de registrar um pouco dessas histórias. Pois antigamente essas histórias eram contadas em rodas de conversas, em volta de fogueiras sempre os mais velhos contando para os mais novos, mais hoje em dia por causa da tecnologia não se vê mais essa prática.

PALAVRAS-CHAVE: mitos; histórias; Xakriabá; narradores.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1.HISTÓRIAS CONTADAS POR RAIMUNDO NONATO	12
1.1. Rufino	13
1.2. A cirola	15
1.3. Morena moreninha	16
1.4. Conversa de seu Juca com Quilimintim	17
1.5. O besta	18
1.6. A porquinha encantada	19
1.7. Zé Grilo	21
1.8. O rapaz samiado	23
1.9. A novilha encantada	25
1.10. Uma dúzia de bolo	27
1.11. Rosa branca	28
1.12. Seu Mestre salvando seu Juca	30
2.HISTÓRIAS CONTADAS PELO SENHOR VALDEMAR	32
2.1. O caminhão de bode	32
2.2. O cachorro sem dente	33
2.3. O catingueiro com o pé de andú	33
2.4. O leão	34
2.5. A raposa	34
2.6. O coelho esperto	35
2.7. O Caburé e a Joanica de Barro	36
2.8. O homem e a raposa	36
2.9. O homem e o bicho homem	37
3.HISTÓRIAS CONTADAS PELO SENHOR RUBERTÃO	39
3.1. O bicho homem	40
3.2. História das terras antigamente	40
4.HISTÓRIAS CONTADAS POR DONA ANELI	42
4.1. Menina encantada	42
4.2. O macaco e a cobra	46
4.3. Bitu	48
4.4. Colondina	50
5.REUNINDO NARRADORES XAKRIABÁ	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64

INTRODUÇÃO

Este trabalho está focado nas histórias e mitos contados pelos mais velhos do povo xacriabá. Esse interesse surgiu com a nossa vivência com pai Raimundinho. Desde que a gente era bem pequena, ele sempre nos contava histórias. Naquela época, quando não tinha energia, ele acendia uma fogueira e ficávamos todos ao redor e ele começava a contar suas histórias. A gente se divertia muito, pois, além de serem interessantes, eram muito engraçadas, por isso gostávamos tanto de ouvir.

Mas, com o passar do tempo, essas histórias foram aos poucos se perdendo. Acreditamos que isso aconteceu devido à chegada da energia na nossa comunidade com a evolução das tecnologias. Os jovens de hoje ficam mais ligados em redes sociais, televisão e muitas outras evoluções tecnológicas e não sabem o verdadeiro valor e importância que essa sabedoria dos mais velhos tem. Antes nosso pai nos contava muitas, mas muitas, histórias mesmo.

Notamos que hoje em dia as histórias não são as mesmas, já mudaram algumas coisas. Outras já foram esquecidas e é raro escutá-las na aldeia. Daí surgiu nosso interesse em registrar essas histórias, para que elas não se percam. Nós registramos em escrita, áudios e também em vídeos em momentos diferentes desse percurso acadêmico. Vamos explicar melhor esse processo no capítulo 5.

Nossos mais velhos tem o conhecimento muito rico e são muito bons em contar histórias. Nós costumamos falar que nossos anciões são verdadeiras *bibliotecas vivas*. Se eles contam essas histórias e as mesmas não forem registradas, quando eles morrerem irão levar junto toda essa riqueza, todo esse conhecimento.

Nossa principal intenção é registrar para não deixar essas histórias morrerem, por serem verdadeiros tesouros guardados na mente e contadas pelos nossos mais velhos. Quando sentamos para ouvir os mais velhos contarem suas histórias, ficamos encantados com a forma e a simplicidade como eles conseguem contar essas histórias com tanta facilidade. A gente pode ouvir essas histórias várias vezes, mas sempre que ouvimos parece diferente. É sempre interessante, nunca cansamos de ouvir.

Mesmo que a gente ouça essas histórias muitas vezes nunca vamos conseguir contar elas do jeito que eles contam por isso a importância de registrar da forma que eles contam. Quando for um dia a gente vai poder mostrar tudo isso para as novas gerações, transmitindo a importância e todo esse conhecimento dos mais velhos para os mais novos.

Foram essas histórias contadas pelo nosso pai que nos despertaram o interesse de pesquisar outros mais velhos, como eles e elas contam suas histórias, de conhecer novas histórias, enfim de saber mais sobre nosso povo. Então, procuramos pessoas que realmente gostam de contar histórias, pessoas que de alguma forma a gente já sabia que eram verdadeiros contadores de histórias e escolhemos quatro pessoas para realizar nossas entrevistas. São elas:

- 1) Senhor Raimundo Nonato De Queiroz, de 53 anos, nascido no dia 8 de fevereiro de 1966, casado, pai de 6 filhos, residente na aldeia Brejo Mata Fome. Foi o nosso primeiro entrevistado.
- 2) Senhor Roberto Gomes De Oliveira, de 65 anos, nascido no dia 13 de maio de 1954, residente da aldeia Embauba. Foi o nosso segundo entrevistado.
- 3) Dona Aneli Araujo Souza, de 67 anos, nascida no dia 11 de março de 1952, casada, mãe, avó e bisavó de pajé, residente na aldeia Embauba 1. Foi a nossa terceira entrevistada.
- 4) Senhor Valdemar Ferreira Dos Santos, de 73 anos, nascido no dia 24 de junho de 1947, residente da aldeia Prata, casado, pai de filhos liderança tanto no território quanto aqui no FIEI.

As histórias que vamos apresentar serão divididas por capítulos: capítulo 1) histórias contadas pelo senhor Raimundo Nonato; capítulo 2) histórias contadas pelo senhor Valdemar; capítulo 3) histórias contadas pelo senhor Robertão; 4) capítulo 5) histórias contadas por dona Aneli.

O interesse pelos mitos é por toda a riqueza que eles trazem e o interesse pelas histórias reais é porque também são muito importantes para serem registradas, pois contam histórias que foram vivenciadas pelo nosso povo, principalmente pelos nossos entrevistados, histórias importantes para nosso povo, para nossa cultura.

O povo Xakriabá tem muita história que, infelizmente, não dá pra ser contada e registrada neste trabalho. Mas o pouco que conseguimos registrar é para mostrar para nosso povo, principalmente, e ainda mais para a geração mais nova. Queremos mostrar a importância que têm essas palavras e de como são ricas em sabedorias. Acreditamos que um dia vão servir para nosso povo.

A importância dessas histórias para nós é porque elas sempre foram tradição cultural para o nosso povo xakriabá. Tem muitas histórias bonitas que estão se perdendo, ficando extintas, pois os contadores de história não têm mais oportunidade de contá-las por vários

motivos. O que teve maior impacto, como já dissemos, foi a tecnologia, pois com a chegada da energia elétrica, televisão e rádio as pessoas pararam de se reunirem na beira das fogueiras para contar suas histórias. Quando elas eram contadas quem estava ali podia ouvir, aprender e ela não se perdeu, só sofreu algum tipo de alteração, pois a cada ponto aumenta um ponto - os mais velhos têm esse dizer. Desse modo, as histórias eram passadas de geração para geração.

Um outro impacto é quando perdemos um ancião, pois ele leva junto os seus conhecimentos, suas histórias, tanto as reais, as ficcionais e as encantadas por isso essa perda é sempre muito grande. Então resolvemos abordar esse tema com a intenção de registrar para não se perder.

1.HISTÓRIAS CONTADAS POR RAIMUNDO NONATO

Nesse capítulo, vamos mostrar as histórias inventadas e reais contadas por senhor Raimundo Nonato. São histórias antigas que passam de geração para geração.



1.1. Rufino

Eu vou contar uma história tipo romance de Rufino, rei do barulho. É um romance, mas significa uma história.

Mais uma drama sertaneja surgiu da inspiração
De um lavrador que ajudava na alfabetização
Das crianças camponesas do caboclo do sertão
Para fazer aventura por as penas tenho orgulho

Por isso apresento agora
Rufino, rei do barulho
Um homem que nunca dobrou
Um pau que nunca desse gorgulho

Rufino nasceu marcado
Pelas guerras do destino
Batante desenvolvido
A valentia deste menino
Porém com quinze anos
Transformou-se em um assassino

Rufino com quinze anos
Era um rapaz muito forte
Bastante desenvolvido
Mostrava bonito esporte
Já foi com 16 anos
Comandante do esporte

Com diverso estudante
Que tinha boas conduta
Rufino criou um grêmio
Com treinamento de luta
Por um professor baiano

Que revisava a disputa

Em treinamento lutava
Para dar demonstração
Com 10, 12 companheiros
Ponha fora de ação
Abatido, esbandegado
Caído por sobre o chão

No dia 4 de julho
Rufino ia passando
Avistou 4 colegas
Com 10 soldados lutando
Rufino se pôs a saber
O que estava se passando

Em defesa dos colegas
Pegou um soldado de lôro
Que deu um ta entre os dois ôi
Que só viu o estôro
Da testa a ponta do queixo
Caiu uma manta de côro

Rufino e seus colegas
Dominaram 10 soldados
Ficou por isso mesmo
Nunca foram procurados
Embora alguns ficaram
Ligeiramente arranhados

O pobre pai de rufino
Luiz de Souza Aragão
Dava parte à polícia
Perdia toda a razão

Por que não tinha dinheiro

Não ganhava uma questão

Os seus fortes inimigos

Levavam advogados

Perante a lei do dinheiro

Os crimes eram julgados

Aonde os ricos exaltam

Os pobres sejam humilhados

Comentário “Rufino”

Depois de nos debatermos muito com essa história, lendo e relendo-a várias vezes, chegamos à conclusão de que ela traz em si uma lição de moral.

Essas histórias em rimas, onde no começo dá a entender que Rufino era um assassino. Mas lendo atentamente a história completa percebemos que na verdade ele era um defensor das injustiças, porque naquela época quem tinha direito e poder era só quem tinha dinheiro, onde na história mesmo em pequeno trecho relata (aonde os ricos exaltam os pobres sejam humilhados).

1.2. A cirola

Porque os povos de antigamente, eles vestiam os vestuários. Desde antigamente, não vestiam cuecas, vestiam era um calção, que se chamava cirola e umas camisolona também. Então o cara comprou um tecido e mandou fazer um terno pra ele muito bonito, e fez também a camisola e a cirôla pra ele, e aí ele ficou muito ansioso pra ir na casa da namorada, pra ele mostrar pra ela a roupa nova que tinha mandado fazer e tudo e naquele tempo quando, o povo dava vontade de ir no mato cagar, aí tirava a roupa e enganchava lá num galho de um pau, aí depois que acabava de cagar, pegava a roupa e vetia de novo né. E chegou o dia dele ir na casa da namorada e ele muito ansioso pra chegar logo na casa da namorada, pra mostrar logo a roupa nova e tudo, aí e foi e é vai é vai, pra casa da namorada, de repente ele deu vontade de cagar, aí ele entrou dentro do mato, tirou a cirôla e enganchou lá no galho do pau. Foi lá e cagou, aí moço quando ele acabou, ele esqueceu de vestir a cirôla, e só desceu a camisolona,

e botou caminho para a casa da namorada e tudo. Do pano que ele tinha comprado pra fazer a roupa, ainda tinha sobrado um metro e meio do pano, então ele ansioso pra mostrar logo a roupa pra namorada, ele então chamou ela e mostrou: olha aqui a roupa nova que mandei fazer pra mim. Aí quando ele arribou a camisola pra mostrar a cirôla, aí ele tinha esquecido a cirôla engachado lá no mato no galho do pau. Aí a moça a admirou: você é doido, tudo isso. Aí ele respondeu: não, lá em casa ainda ficou um metro e meio. (risos)

Comentário “A cirôla”

Essa história é mais contada para fazer graça, ela escrita não têm o mesmo divertimento de quando a gente ouve ele contar fazendo suas caras e bocas. Ela relata também sobre as roupas que eram usadas antigamente que despertam uma certa curiosidade nos leitores.

1.3. Morena moreninha

(Ele) Morena minha moreninha
(ela) o que é que quer comigo
(ele) quero ser seu namorado
E depois o seu marido

(ela) ó que moço entrufento
Ó que moço entrufão
Como é que quer casar
Sem no bolso nenhum tustão

(ele) morena minha moreninha
Eu lhe mostro meus papéis
Morena minha moreninha
Eu lhe mostro meus papéis
Eu aqui nessa carteira
Tenho 100 contos de réis
Eu aqui nessa carteira

Tenho 100 contos de réis

(ela) a que moço bonitinho

Que eu tô querendo bem

Pois agora eu vou amar

Pelos 100 contos

Que ele têm

Pois agora eu vou amar

Pelo 100 conto

Que ele têm

Comentário “Morena minha moreninha”

Essa é uma história cantada, na qual a personagem é ambiciosa: a moça só tinha amor pelo dinheiro. Se um rapaz às vezes quisesse namorar com ela, ela já queria logo saber se o rapaz tinha algum dinheiro, se o rapaz tinha algum futuro. Porque se não tivesse, ela não queria.

1.4. Conversa de seu Juca com Quilimintim

Uma história que aconteceu com Quilimintim e meu pai, seu Juca. Quilimintim chegou lá em casa e falou bem assim: ô, seu Juca, mas minha roça deu boa seu Juca. As espigas do milho não estão nem cabendo dentro da roça, seu Juca. Aí o véi Juca foi e falo assim: é eu também essa semana fiz um cigarro aqui, acendi ele e botei no queixo, fui jogar a bituca dele lá no Januária, ai o véi quilimintim falou: armaria seu Juca que diabo de cigarro grande era esse. Seu juca respondeu: foi lá da palha do seu milho logo que as espigas do milho não estavam cabendo dentro da roça, então dava pra mim fazer um cigarro pra ir pitando daqui na Januária (rrsrsrs)

Comentário “Seu Juca”

Essa história relata um fato real do senhor Juca, pai de criação do nosso pai, senhor Raimundo Nonato. Nela, senhor Juca, em uma conversa com o senhor Quilimintim, senhor

Quilimintim foi contar uma mentira para o senhor Juca, que logo percebeu que era mentira e retrucou com outra mentira ainda maior.

Por Januária ser uma cidade distante, a mais ou menos 100 km de distância, então por ser um lugar longe ele quis dizer que a palha do milho da roça de seu Quilimintim, que não tava cabendo dentro da roça, dava pra fazer um cigarro e ir fumando daqui em Januária.

1.5. O besta

Eu vou contar uma história de um homem que tinha três filhos, dois eram mais sabidos, e um era bestaiado. Aí os dois mais sabidos arrumaram casamento, o outro por ser bestaiado não arrumava casamento. Aí, quando foi um dia, o pai dele falou: olha meu filho eu vou fazer o seguinte, vou comprar um violão, aí vc vai pegar esse violão e vai sair tocando, aí as moças vão engrajar em você, e aí você vai arrumar namorada, pra você poder casar. Aí ele falou: tá bom pai. Aí o pai comprou o violão pra ele e falou assim: ó, meu filho, quando você chegar em um lugar que tiver muita gente reunida, aí você começa tocar o violão, aí alguma moça vai ver você tocando violão e vai engrajar em você aí da pra você arrumar casamento. No primeiro movimento que ele viu reunido um bocado de gente, aí ele encostou e já pegou logo seu violão e começou a tocar. Aí veio um homem de lá pra cá e falou pra ele: moço, você é doido, aqui é um velório, aqui você tem é que chorar, aqui é coisa de sentimento porque aqui morreu uma pessoa, a gente faz é chorar não é tocar violão, não. Aí ele respondeu: então tá bom. E parou de tocar. Aí rompeu pra frente, quando chegou lá na frente, tinha um homem matando um porco aí ele começou a chorar, aí o homem viu ele chorando e falou: o que você viu que ta chorando? Aí ele respondeu o porque. Aí o homem falou: moço aqui não faz é chorar não, vc tem que falar assim mata que eu como. Aí ele respondeu: então tá bom .

Aí esse porco que tava matando era pra uma festa, como ele já tava lá, lá mesmo ele ficou pra festa à noite. Aí ele começou a festa. O povo tudo animado lá, começou o forró e tudo, mais ele ficou com aquilo na cabeça, né, do porco: mata que eu como. Quando foi mais tarde, começou uma briga lá na festa, era o povo brigando e ele falando: mata que eu como, mata que eu como. O povo ia brigando e ele sempre atrás falando: mata que eu como. Aí o povo vendo ele falando assim disse pra ele: moço, você tá ficando é doido, você não pode ficar falando assim não, você tem que falar é assim “Deus que te desparta” e não ficar falando “mata que eu como”. Aí quando os noivos vêm saindo da igreja já casado, ele chegou com

as mãos no meio dos noivos já falando: Deus que te desaparta, Deus que te desaparta. Aí pegou e foi embora. Aí o pai dele foi e falou: é, meu filho, não têm jeito pra você mesmo não, eu dei o violão pra você arrumar namorada, você foi tocar em um velório, em seguida você tava chorando por causa de um porco que tava matando pra uma festa, e em seguida você foi mandar matar o outro em uma briga, mata que eu como, depois você foi falar Deus que te desaparta pra um casal que tinha acabado de se casar, então agora eu vou colocar você para apreciar as conversas pra mim. Aí ele falou assim: então tá bom. Aí ele foi numa festa e ficou lá na festa assuntando, pra apreciar as conversas, quando foi assim umas dez, onze horas da noite, um falou assim: justamente. Ó, essa foi uma das conversas que meu pai mandou eu apreciar: justamente. Quando foi lá pra uma e meia, duas hora das manhã, outro falou assim: perfeitamente. Aí ele falou assim: ó, essa já é outra: justamente, perfeitamente. Aí quando era umas três e meia pra quatro horas da manhã, outro falou assim: mas é lógico, agora eu já completei as três palavras que meu pai mandou eu apreciar: justamente, perfeitamente, é lógico. Aí moço, já quase amanhecendo o dia, começou uma confusão lá, era umas quatro e meia pra cinco horas da manhã, e vai e vai e, por falta de sorte, na briga acabou matando um lá na festa. E aí o besta ficou lá perto do morto. Aí quando pensou que não, chamaram a polícia e, quando os policiais chegaram, o povo correu todo e só ficou ele lá perto do corpo. Aí o policial chegou e perguntou ele: ô, moço, foi você que matou esse homem? Ele respondeu: justamente. Aí o policial falou: mais você têm um coração desse? Ele respondeu: perfeitamente. Aí o policial tornou a falar, mais agora você vai cair é na borracha. Aí ele respondeu: mas é lógico.

Comentário “O besta”

Essa história fala de um rapaz que tinha um problema psicológico, então o pai dele na tentativa de ajudá-lo a conseguir um casamento, pediu para ele fazer várias coisas, mas o mesmo não tinha noção do que era certo ou errado e a medida que o tempo vai passando o mal entendido só vai aumentando.

1.6. A porquinha encantada

A mulher tinha três filhas, duas eram normais e uma era encantada. Ela era encantada tipo uma leitoinha, tipo uma porquinha. Aí as outras duas moças se casaram, só ficou essa

porquinha na casa. Mas quando o povo da casa dela saía, a mãe saía pra roça, essa porquinha fazia todo o serviço de casa, ela fazia o almoço, ela varria a casa, ela lavava vasilha, ela lavava roupa, ela fazia de tudo, quando todo mundo chegava em casa, já tava tudo pronto, mas ninguém nunca descobriu o mistério dela como que era. Mas aí tinha um cara muito curioso. Aí ele falou: vou descobrir como é que aquela porquinha faz esse tanto de coisas, que não têm cabimento, não, ela fazer esse tanto de coisas. Aí ele pegou e escondeu atrás de um pé de árvore bem grosso. E aí ficou lá atrás da árvore escondido, na beira do riacho, esperando ela ir lavar a roupa. Daí a mãe dela foi levou a bacia de roupa e deixou lá pra ela lavar. Aí evinha a porquinha, coim, coim, coim, quando a porquinha chegava na beira do rio, virava aquela moça mais linda do mundo, que o trem chega brilhava, uma moreninha assim da ponta da orelha. Aí o homem que estava escondido espiando se apaixonou pela mulher que virava porquinha e logo pensou: eu vou pedir casamento para essa porquinha. E ele incutiu com ela, não tirava da cabeça e pegou no pé dela pra ver as coisas que ela fazia e tudo. E ela aquela moça mais linda e quando ela acabava de lavar a roupa, ela mesma estirava o corinho de novo e enrolava nele e virava a porquinha de novo. Um certo dia, o rapaz foi lá na casa da mãe da porquinha, falar do casamento. Ô, dona, eu vim aqui pra poder pedir a mão da sua filha em casamento, se a senhora aceitar de eu casar com a filha da senhora. Aí, a dona mãe da porquinha respondeu: ô, meu filho, eu não tenho mais filha assim pra casar não, as que eu tinha que serviam pra casar já se casaram tudo e a outra que eu tenho é essa aí, olha o jeito dela aí, ela é tipo uma porquinha, não serve pra casar não. Aí ele respondeu: não, é com ela mesmo que eu quero me casar. A mãe disse: ué, se você quiser casar com ela, você que sabe.

Pois bem, aí foram ajeitar esse casamento, arrumaram a festa e tudo e vai. Aí chegou o dia do casamento e a porquinha toda alegre para se casar e tudo, daí arrumaram esse casamento e foram pra igreja e se casaram. E fizeram aquela festona e ela tipo uma porquinha mesmo. Se casaram, voltaram e fizeram aquela festona. Quando passou o casamento, ele ficou pensando como ia fazer pra quebrar o encanto da porquinha. E aí e vai e vai, todos os dias ele levantava cedo e saía pra trabalhar e quando ele chegava a noite dava a hora dele deitar, ele deitava, e ela só ia deitar tarde da noite, que tirava seu corinho e deixava lá no cantinho. E ia deitar aquela moça mais linda e se deitava mais ele, mas quando era bem cedinho que ele acordava, já não achava mais ela, ela já tinha levantado, já tinha feito café, já tinha feito tudo, tava tudo no jeito pra ele merendar, pra ele quebrar o jejum e ir pra roça. Quando ele chegava meio dia já tinha almoço, já tava tudo arrumado. Ela fazia tudo dentro de casa, mas ele nunca conseguia pegar ela, tipo uma pessoa. Aí ele pegou e pensou: eu vou

quebrar o encanto dessa leitoa. Aí um dia ele fez que dormiu, mas, antes de deitar, ele tinha acendido um fogo, lá na beira do munturo, e ele deitou e fez que dormiu. Aí, quando ela pensou que ele tinha dormido, ela foi lá no cantinho enrolou lá e tirou o courinho, virou a mulher de novo e deitou mais ele. Aí ele meio que abriu os olhos e viu sua mulher mais linda e deitada mais ele. Mas aí, ele continuou a se fazer que tava dormindo bem de boa, igual fazia todos os dias. Aí, quando ela pegou no sono, ele levantou devagazinho, foi lá, pegou o corinho dela, e jogou ele no fogo, e queimou todinho. Aí quando ela assustou foi com o courinho dela queimando lá no fogo. Aí ela levantou e falou assim: ô, moço, como é que você fez isso comigo? Daí o encanto dela foi quebrado e eles foram viver felizes juntos como um casal normal.

Aí uns outros rapazes ficaram com inveja dele, por causa que ele tinha casado com essa moça encantada e tinha dado certo. A moça tinha virado a moça mais bonita da região. O irmão dele, muito invejoso também, falou assim: eu também vou arrumar uma leitoa pra me casar (rsrsrsr). Aí foi lá no quintal do pai dele, entrou no xiqueiro e vai em cima, vai em baixo atrás de uma leitoa, pega aqui pega acolá e, depois de muito trabalho, conseguiu pegar essa leitoa aí; piou essa leitoa, levou e se casou com ela. E a hora que soltou essa leitoa, essa leitoa caiu no mundo (rsrsrsrs), ficou com inveja do outro e acabou se dando mal (rsrsrsrs).

Comentário “A porquinha encantada”

Essa é uma história de encantado e nos traz a reflexão para duas moralidades: a primeira é que às vezes ser curioso é bom pois o rapaz por ser curioso descobriu que a porca era uma moça encantada. E a segunda moral é que não devemos invejar o próximo, pois o outro rapaz por invejar a mulher bonita que seu irmão arrumou, porque ele se casou com uma porca que era encantada, achou que podia casar com qualquer porca que ia ser do mesmo jeito.

1.7. Zé Grilo

Zé Grilo era um cara que se dizia metido a adivinhão. Aí Zé Grilo não tinha nada coitado, não tinha nenhum couro pra deitar em cima. Aí ele pegou, deu na idéia de fazer um curral em frente sua casa. A mãe dele foi e falou assim: cê é besta meu fi, pra que esse curral se o cê não têm nenhuma porca pra bota dentro desse curral? Aí ele falou: a, mãe, deixa meu curral, a senhora vai ver o que esse curral ainda vai dar pra nós. Ai passaram alguns dias e

vêm uns caras tocando uma boiada muito grande, aí pensou que não, os vaqueiros perguntaram pra ele: seu moço, como é seu nome? Ele respondeu: me chamo Zé, mas, por apelido, o povo me chama de Zé Grilo. Aí o dono da boiada falou: ô, seu Zé, o senhor não quer alugar esse curral, não, seu Zé, pra mim colocar minha boiada? Aí, seu zé respondeu: eu alugo sim, se você quiser colocar sua boiada aí, pode colocar. Aí, o dono da boiada foi mostrar a boiada pra seu Zé Grilo. Aí falou assim: ó, seu Zé, aquele boi lá que chama o boi da guia, esse boi que puxa a guia do gado. Aí, quando os vaqueiros foram dormir, Zé Grilo foi lá no curral, colocou a corda na cabeça desse boi, abriu a porteira do curral, saiu puxando esse boi e foi esconder ele numa montanha muito longe.

Quando foi bem cedo, que os vaqueiros arriaram os cavalos pra seguirem viagem, que foram conferir a boiada, aí cadê o boi da guia? O dono da boiada preocupou: ê, seu Zé, meu boi sumiu, não sei o que eu vou fazer, sem esse boi o gado não anda e vai em cima, vai em baixo. Cuma que nós vamos fazer, seu Zé? Nós só temos esse boi da guia, como que nós vamos fazer? Aí ele perguntou: hein, seu Zé, o senhor não sabe quem é que adivinha aqui, quem é que responsa as coisas não? Aí seu zé falou assim: moço, eu não entendo muito, não, mas eu já tenho feito uma oração aí, umas orações que têm dado certo, se vocês quiserem eu vou ver pra vocês. Ô, seu Zé, então o senhor vê aí se consegue adquirir onde esse boi nosso tá. Se o senhor achar esse boi pra nós, seu Zé, aí o senhor pode escolher um dos maiores ou melhor gado que tiver na boiada. Aí, seu zé falou: tá bom, mas só que eu peço o prazo de três dias pra poder responsar esse boi pro cês. Aí, ele respondeu: não, não têm problema, não, o senhor garantindo que responsa esse boi pra nós, nós espera. Aí, eles ficaram lá esperando, né, aí, passou um dia, no outro e como ele já sabia aonde era essa picada aqui, ó: pode seguir nela, pode ir direto nela, aí quando ocês romper aí uns 100 a 150 metros no máximo, vcs já acham o rastro do boi. E bem assim eles fizeram, andaram e acharam o rastro do boi. E aí, e vai e vai no rastro desse boi, e seu Zé tinha falado que eles iam encontrar o boi, marrado lá na frente em um pé de ingazeira. Quando eles chegaram, lá no pé de ingazeira, o boi tava amarrado lá mesmo. Aí, eles trouxeram o boi, chegaram cá tudo alegre e já foi logo mandando seu Zé escolher a vaca que ele tinha falado pra ele escolher. Então, seu Zé escolheu a vaca mais bonita e maior da boiada e os vaqueiros seguiram viagem.

Aí a notícia correu, né, que ele era adivinhão. A notícia correu e a mãe dele falou: é, meu fi, isso ainda vai dar em merda. E lá tinha um negócio de um rei, que quando o rei sabia que tinha uma pessoa adivinhão, o rei perseguia, mandava matar a pessoa ou tirava a pessoa de ser aquilo que era. Aí, Zé Grilo já tinha feito um bocado de adivinhação. Aí o rei, pra testar se ele era adivinhão mesmo, resolveu testar ele e jogou uma pra cima dele. Pediu pra

seus homens enterrarem três coisas: primeiro o rabo de uma porca, mais na frente a perna de um grilo e mais na frente foi cagou e enterrou também. E ele tinha que adivinhar essas três coisas que tinham alí enterradas. E a proposta pra ele se adinvinhasse era boa, o rei ia casar ele com a filha dele e ainda ia dividir toda sua fortuna com ele, mas se ele adivinhasse. E, se ele não adivinhasse, ele ia ser degolado alí mesmo. Aí chamou ele e marcou o dia e horário. Aí chegou o dia e vem ele de lá pra cá, aí logo no primeiro monte que tinha enterrado o rabo da porca, aí os soldados do rei foram e falaram: óia eu quero que vc adivinha o que têm aqui, se você não adivinhar, você vai ser degolado agora. Aí, ele olhou pra lá, olhou pra cá e falou: ô dia, é aqui que a porca torce o rabo. Aí os soldados falaram: ah, ta bom, pode passar, que é o rabo de uma porca que tá enterrado aqui mesmo. Aí, na segunda instância, lá na frente tinha outro monte de terra, aí o guarda falou: agora adivinha o que tem aqui, se você não adivinhar, você vai ser degolado. Aí, ele coçou a cabeça e falou: é aqui que tá o diacho do Zé Grilo. Aí os soldado falaram: ta bom, cê acertou, é a perna de um grilo mesmo que tá enterrada aqui. Então podemos seguir. Quando foi na terceira instância, que era a última, tornaram a barrar ele: ocê tem que adivinhar o que tem enterrado aqui agora, aqui é a ultima instância sua, cê têm que adivinhar. Aí, ele pensou, pensou e lembrou do que a mãe dele tinha falado: bem que minha mãe falo que essa adivinhação minha um dia ainda ia dar em merda. E era um monte de bosta que tinha lá (risos).

Aí ele ganhou a aposta, o rei partiu toda sua fortuna com ele, casou sua filha com Zé Grilo e ainda fez uma grande festa que durou uma semana.

Comentário “Zé Grilo”

Essa história relata os tempos difíceis que Zé Grilo estava passando. Na tentativa de conseguir alguma renda, acabou fazendo um curral. Logo em seguida conseguiu alugá-lo, mas, não satisfeito, e, por olho grande, resolveu roubar o boi e dar uma de adinvinhão que quase acabou se dando mal. Mas, como em um golpe de sorte, conseguiu adivinhar tudo que o rei tinha exigido e ainda saiu da história casado e com a metade da fortuna do rei.

1.8. O rapaz samiado

Esse rapaz, ele era muito samiado, não aguentava ver coisa de comer, que ele já ficava num pé e noutro querendo comer, até parece que quando ele nasceu não tinha coisa de comer

no mundo, se visse as coisas ficava doido pra comer. Aí ele arrumou uma namorada, um dia ele foi e chamou o padrinho dele pra ir levar ele na casa da namorada. Aí, o padrinho dele respondeu: ô, meu fi, eu não vou te levar lá não, por causa que ocê é muito samiado, chegar lá cê vai passar vergonha na gente. Aí, o rapaz respondeu: não, padim, o senhor pode me levar lá que não vou passar vergonha no senhor, não. Aí, o padrinho dele falo assim: eu só vou te levar se ocê for fazer os meus mandados, o que eu encomendar ocê, cê têm que atender. Aí ele falou: não, o senhor pode ir comigo que o que o senhor me encomendar, eu obedeço. Aí, o tio falou: então rumbora. Aí, o rapaz ficou muito feliz e foram para a casa da namorada do rapaz. Aí, chegou lá, quando deu na hora de jantar, tinha muita comida boa na mesa, tinha de tudo, aí sentaram na mesa pra jantar. Antes de começar a jantar, o padrinho dele já tinha alertado ele falando assim: ó, meu fi, hora que eu pinicar sua perna, aí cê pára de comer. O padrinho dele tinha sentado do lado dele na mesa. Mas, só que lá na casa, tinha muito cachorro e quando ele tinha comido umas quatro, cinco colheradas, passou um cachorro embaixo da mesa e triscou na perna do rapaz. Aí ele parou de comer. Aí todo mundo falou: come, meu fi, pode comer. Aí ele respondeu: não, não já tô sastifeito, só comí esse pouquinho aqui pra não dizer que não tinha comido, mas já estou sastifeito, não quero mais, não. E não teve agrado, ele não quis comer mais mesmo, porque achou que o cachorro que tinha triscado na perna dele tinha sido o padrinho dele que tinha beliscado ele. Aí, todo mundo foi dormir, entraram para os quartos e foram dormir. Quando foi lá pra umas meia noite e tanto, que ele assustou, estava com muita fome, tava com muita fome mesmo. Aí, ele lembrou que o pessoal lá gostava de fazer uns tacho de angú para dar aos cachorros. Aí, ele levantou devagarinho e foi lá nesses tacho de angú e sentou a mão comendo. Comeu, comeu, comeu, que encheu a barriga de angú. Mas, aí pensou: meu padrinho deve tá com fome, vou levar um pouquinho pra ele. E assim ele fez: encheu as mãos de angú e levou para o padrinho dele. Mas, aí, quando ele ia voltando para o quarto do padrinho dele, errou do quarto do padrinho dele, e entrou no quarto das moças. Entrou nesse quarto e as moças dormiam todas peladas e de barriga pra baixo. Aí, ele, no escuro, caçando a boca do padrim dele, pra poder colocar o angú, achou a bunda da moça. Aí, ele pensando que era a boca do padim dele, colocou o angú na bunda dela, aí a moça começou a peidar, ele foi e respondeu: tá fri padim, ta fri. Aí, quando ele percebeu que não era o padrinho dele, ele saiu correndo e foi caçar um lugar pra lavar as mãos. Aí, chegou lá na cozinha e tinha uma butija da boca bem apertadinha. Ele enfiou as duas mão logo na butija pra lavar logo, as mãos dele ficou enganchada na butija e ele não conseguia tirar. Aí, ele ficou labutando, tentando tirar as mãos da butija. E a moça com a bunda toda lambusada de angú, levantou e foi caçar alguma coisa pra limpar a bunda lá no

munturo. Aí, a lua tava clara. Ele teve que ir procurar um tóco, pra poder quebrar a butija. Aí, a moça tava lá sentada na beira do munturo, limpando a bunda, e ele pensou que era um toco. Aí, sentou a butija na cabeça da moça (risos) e só viu a gritadeira. Aí, o povo levantou tudo correndo. Aí, lá tinha um monte de palha de milho e não tinha nenhum um lugar pra ele correr, senão, o povo ia ver. Aí, ele, pá, entrou debaixo das palhas de milho. Quando foi bem cedinho, que o pai da moça levantou com frio e socou fogo nessas palhas de milho, pra esquentar o frio, aí o rapaz saiu correndo com a coivara de fogo nas costas.

“Comentário O rapaz samiado”

Essa história relata e nos faz refletir sobre a falta de atenção do rapaz, que sempre que ia fazer as coisas, não assuntava pra fazer e acabava fazendo tudo errado. No mais, essa história é divertida e boa de se ouvir

1.9. A novilha encantada

Pois é, moço, eu vou contar a história da novilha encantada. A mulher tinha uma filha e a filha da mulher virou uma novilha - encantou e virou uma novilha. Aí, essa novilha ficava no fundo da casa da mulher até seis horas da manhã deitada lá em cima do murundu. E essa mulher, a mãe da menina, já tinha caçado vaqueiro do mundo todo pra poder pegar essa novilha, mas nunca tinha achado alguém que conseguisse. Até que um dia, ela soube da notícia de um negão que disse que pegava, garantiu que pegava essa novilha pra ela. E a proposta pra quem pegasse a novilha era boa. Aí, o negão veio e falou com a mulher pra ela arrumar um lugar pra ele botar a sela dele, botar o cavalo dele, ele até trouxe umas latas de farofa dentro duns arfoges. Aí, quando foi no outro dia cedo, que a novilha levantou, lá em cima do murundú, ele arriou o cavalo, deu umas lepadas nesse cavalo pra lá e pra cá, e gritou assim: é hoje até o capeta que passar na minha frente eu pego. E quando a novilha levantou que a novilha espreguiçou que saiu, ele botou o cavalo em cima e vai e vai, pega não pega, pega não pega, e vai. Quando ele ia pra pegar no rabo dessa novilha, ele só achava o sinal e ela sumia na frente de novo. Aí, ele tornava encostar o cavalo nela e quando ele ia pra pegar no rabo da novilha de novo só achava o rumo. Aí, e vai e vai, até que, lá na frente, o cavalo dele cansou. Aí, ele amarrou o cavalo e continuou de pé nos tampo da novilha no arrieiro dessa novilha. E, aí, e vai, no rastro da novilha, no rastro de gado, ele seguindo à pé, e vai e

vai, lá na frente já não era mais rastro de gado, era rastro de cavalo, mas ele não saiu do pé, não, e vai e vai. Quando chegou mais na frente, já virou foi rastro de gente. Foi indo até o rastro que ele seguia, entrou em uma casa, numa casona muito bonita que tinha, e falou assim: esse rastro entrou aqui. Aí, ele chegou e bateu palma e falou: ô, de casa! Aí, só viu as portas abrindo. Era um bocado de porta e todas se abriram. Aí, ele entrou pra dentro, mas não saiu ninguém. Quando pensou que não, abriu a porta de um banheiro, lá tinha toalha, lá tinha sabonete, tinha tudo lá pra ele tomar banho. Ele tomou banho e tudo. Pensou que não e já apareceu uma mesa de jantar e apareceu prato na mesa. Ele só ouvia o barulho do chinelo na casa e ele via também só a munheca da mão assim seguro nas coisas, mas ele não via a pessoa não. Botou a janta na mesa, aí ele pegou e jantou. Aí, depois da janta, deu a hora de dormir. Abriu umas portas lá, ele olhou tinha umas camonas lá, tudo bem forrada. Aí, ele pegou e deitou lá e ficou. Aí, ele falou: eu vou amanhecer o dia aqui, amanhã eu vou embora. Aí, quando foi bem tarde da noite, que ele menos percebeu, tinha uma mulher deitada mais ele. Quando ele olhou na mulher, era uma mulher que parecia ser muito linda, corpão de mulher. Aí, ele falou assim: não, eu vou ter que olhar na cara dessa mulher. Aí, tinha um fosco. Ele pegou o fosco. Quando ele riscou o fosco, que clareou a cara da mulher, aí ela virou uma pombinha branca, sentou na janela e falou assim: moço, porque você fez isso comigo? Agora você só vai me ver numa árvore mais alta que tiver no mundo. Aí ele ficou triste. Ela pegou e voou. Quando amanheceu o dia, ele pegou e voltou pelo mesmo caminho, pelo mesmo lugar que ele passou. E vai e vai, ele com aquilo na cabeça. Quando ele viu, vinha um homem montado numa mulona, com uma espingarda nas costas e uma espada na outra mão. Aí, quando o homem viu, ele falou assim: você tem coragem? Ele respondeu: tenho. “Você tem coragem até pra morrer?”. Ele respondeu: tenho coragem até pra morrer. Aí, o homem falou assim: então toma aqui essa espingarda, você vai andando e lá na frente você vai ver um passarzinho branco numa árvore muito alta, aí você pega e atira nesse passarim, mas você não pode deixar ele cair no chão, não, antes dele cair no chão você pega ele. Bem assim ele fez. Quando ele andou um pouco que olhou, ele viu o passarzinho numa árvore muito alta, chegou lá, pegou a espingarda e atirou no passarim. O passarim desceu rodando, aí ele abraçou o passarim antes dele cair no chão. Quando ele pegou o passarim, o passarim virou uma moça, a moça mais bonita do mundo.

E aí, quando ele percebeu, já tava no terreiro da casa da mulher e que aquilo tudo que tinha passado virou ilusão porque tinha quebrado o encanto da novilha encantada que era a filha da mulher. Quando ele olhou, já tava encostado na casa da mulher. Aí, tudo virou só alegria. A mulher foi e falou: agora você vai ficar com a metade da minha fortuna e eu

também quero que você casa com minha filha. Ele respondeu: não dona, eu não vou me casar com ela, não, por que ela é uma menina muito bonita e eu sou um cara meio de idade, eu não cumpito pra ela não, ela pode arrumar uma pessoa da iguala dela; mas se a senhora quiser, eu amigo com a senhora. Aí, a mulher aceitou e ele foi viver com a muié e fez uma festona, três dias de festa. E tava era bom viu moço! (rsrsrsrs)

Comentário “A novilha encantada”

Essa história também é de encantado, onde uma mãe, desesperada para quebrar o encantamento da filha, procura desesperadamente várias alternativas, até que consegue encontrar um homem muito corajoso. Mas, para isso ela tava disposta a se desfazer de metade de sua fortuna. E, no final, ela conseguiu a filha de novo e ainda conseguiu um marido. Essa história também nos traz uma moral de que o homem não teve olho grande pra cima da moça bonita que a mãe lhe ofereceu para que se casasse, se mostrando assim um homem justo.

1.10. Uma dúzia de bolo

Hoje, se eu não sei muita coisa, é por causa que eu era muito rudo. Eu brincava muito na escola, não prestava bem atenção na escola. Eu estudei seis anos pra puder fazer o terceiro ano, eu era muito bricalhão na escola, fazia muita estripulia. Aí, eu lembro daquele tempo, nas escolas de hoje é diferente. As de antigamente eram mais rígidas, eram umas escolas mais disciplinadas, porque as escolas de antigamente tinham tipo argumento. A professora ia lá e fazia tipo um argumento lá no quadro, botava uma letra lá, botava o aluno pra bater um no outro. Chamava o aluno lá na frente pra falar a letra que tava no quadro, se ele não falava, aí chamava outro aluno, se o outro falava, o aluno que falava dava uma duzia de bôlo de parmatória no que não falava.

Aí a professora me chamou: vêm Raimundo, me diz que letra é aquela. Aí, eu fui lá oiêi, oiêi, oiêi oiêi, aí não falei a letra. Aí, ela chamou a outra colega minha, que a cadeira dela era na frente da minha cadeira, aí chamou ela: vêm Rosa, fala essa letra aqui. Aí, a professora era até madinha de Rosa e perguntou ela que letra era aquela. Ela respondeu: é tal letra assim, assim, assim, madinha Rita. Aí, a professora falou assim: isso mesmo, Rosa. Agora vai lá, pega a parmatória e dá uma duzia de bolo ne Raimundo. Aí, Rosa foi, pegou a parmatória e me deu uma duzia de bolo, seis numa mão e seis na outra. Aí quando ela voltou

pra colocar a pamatóra em cima da mesa, e ela gostava de vestir uns vestido rodado, quando ela voltou que foi sentar na cadeira, eu puxei a cadeira, ela sentou a bunda no chão que chegou abrir as pernas. Aí, já foi a professora que pegou e me deu mais uma dúzia de bolo, numa hora pra outra eu ganhei 24 bolo na mão. Eu era muito cheio de estripulia, na escola.

Comentário “Uma dúzia de bolo”

Essa é uma história real vivenciada pelo senhor Raimundo Nonato, que na infância, quando estudava, ele era muito estripulento. Dava a vida por brincar e por causa dele não levar nada à sério, acabou perdendo o ano e ainda por cima ganhou 24 bolos na mão, como conta a história.

1.11. Rosa branca

Antigamente nas escolas, a gente falava era “representação”, “poesia” que a gente falava. Hoje, as escolas falam é tipo “teatro”. Hoje, a gente tem que pegar uma pessoa e ensinar as pessoas aqueles versos que agente cantava e fazia tipo um teatro na escola, que aí recordava os tempos dos antepassados, que foi no tempo que a gente começou a estudar, que nem tinha uma música da Rosa Branca do rapaz com a moça. Aí, o rapaz cantava pedindo namoro com a moça e falando o amor que ele tinha pela moça e a moça também falando o amor que ela tinha pelo rapaz. Então, aí eram os dois: um cantava, o outro respondia. Aí, eles cantavam assim:

(ele) adeus, adeus rosa branca

Rainha de puro amor

Querida eu vou partir

Contrariando as minha dor

Volto pra casar contigo

Mim espera meu amor

(ela) eu te espero meu amor

Me diga o que vai fazer

O meu coração é teu

Sem tu não posso viver
Um dia longe de ti
Sou até capaz de morrer

(ele) não te tormentes meu bem
Que o cruel destino quis
Eu sou um pobre sem nada
Que fortuna infeliz
Vou ver se melhora a vida
Para te fazer feliz

(ela) para me fazer feliz
Não precisa partir assim
Nosso amor é uma riqueza
Tu longe de mim será o fim
Prefiro estar na pobreza
Contigo perto de mim

(ele) contigo perto de mim
A pobreza me entristesse
Tu precisa ser feliz
Tudo de bom tu merece
Meu amor eu vou embora
Meu amor não me esquece

(ela) meu amor não te esqueço
Querido não vai embora
Nosso amor é uma riqueza
Dinheiro vem outra hora
Dois corações que se ama
É onde a riqueza mora

(narrador) essa história aconteceu
Com um casal de namorado

Pobre mas brando de amor
Eternos apaixonados
Pra fazer ela feliz
Ficara os dois separados

A Rosa Branca não pôde
Evitar sua partida
O rapaz foi pra São Paulo
E por lá perdeu a vida
Foi esperar lá no céu
A sua Rosa querida

Ontem eu vi a Rosa Branca
Chorando um pranto de dor
Na capela de São Pedro
Recordando ao senhor
Meu Deus enquanto eu não ir
Cuide bem do meu amor.

Comentário “Rosa Branca”

Essa também é um história cantada, onde fala de um romance interrompido pelo destino, entre um rapaz e uma moça, pois o rapaz saiu em busca de melhores condições financeiras e acabou perdendo sua vida. Mas, mesmo com a morte do rapaz, o amor dos dois não acabou. Ela esperou até que a morte a levasse para que encontrasse com seu amor.

1.12. Seu Mestre salvando seu Juca

Uma vez meu pai saiu daqui, foi pra Missões. Quando ele vinha de lá pra cá, tinha chovido muito. Ele chegou numa lagoa, a lagoa tava muito cheia, aí ele botou a mula pra atravessar a lagoa. Quando chegou no meio da lagoa, a mula nadando, e aí a mula meteu o pé no estrivo e afundou com sela e as garupada tudo dele. Aí, a mula conseguiu sair e ele ficou lá no meio da lagoa. A lagoa só foi enchendo, e era de noite, e só foi enchendo e ele

subiu num pé de lagadisso que só tinha espim, nesse pé de lagadisso, e também lá tinha tudo quanto era tipo de inseto, tinha era formiga, tinha era lacraia, tinha era cobra, tudo trem perigoso tinha nessa ribanceira. E a água foi só subindo e ele foi chegando pra ponta do pé de lagadisso e a lagoa foi só enchendo e ele desgramou a gritar, pedindo socorro, pedindo socorro, aí até que o véi mestre, que é o pai de um grande amigo nosso aqui, João Côco, escudou e aí chamou uns cumpanheiro: gente, tem um gritano lá no meio da água. Aí reuniu esses cumpanheiro e pegou um cocho. E lá tinha um engenho e pegaram esse cocho de fazer mel e jogaram dentro da lagoa. Pegaram o lemo, que era de bater rapadura, e pegaram pra poder remar o cocho. E foi lá no meio da lagoa. Chegou lá e jogou uma corda pra meu pai, onde ele tava gritando, porque não dava pra encostar o cocho lá na ribanceira onde ele tava gritando. Aí, jogou uma corda, puxou ele, jogou ele dentro desse cocho e tirou ele pra fora de novo. Quando chegaram com ele lá pro lado de fora, ele tinha bebido muita água, daí colocaram ele de barriga pra baixo e pisaram no espinhaço dele. Aí que ele provocou a água que ele tinha bebido tudim, mas aí, se não fosse ele, o véi Juca tinha morrido. Foi um sufoco muito grande, então até hoje eu agradeço eles, por esse favor que eles fizeram pra socorrer meu pai.

Comentário “Seu Mestre salvando seu Juca”

Essa é outra história real que aconteceu com o pai de seu Raimundo Nonato, senhor Juca, que foi salvo pelo senhor Mestre ao tentar atravessar a lagoa.

2.HISTÓRIAS CONTADAS PELO SENHOR VALDEMAR



2.1. O caminhão de bode

Disse que o cara ia viajando com um caminhão cheio de bode. Ele ia pra Bahia, aí ele topou outro caminhoneiro, o caminhoneiro falou: a polícia rodoviária tá na estrada e vai multa ocê. Aí, ele respondeu: assim agora eu não posso voltar não. Ele seguiu, quando chegou lá adiante a policia tava e eles perguntaram: o que é que você vai levando aí nesse caminhão? Ele respondeu: Moço, eu vou levando uns policial. Ele tinha comprado uns boné e colocado nas cabeças dos bode. Aí, ele falou pras policia rodoviárias que tava levando uns policiais. Falou assim: moço, é que teve uma revolta na Lapa do Bom Jesus e tão pedindo reforço lá. Aí, o policial desconfiado falou: vou falar com eles. Aí, o motorista respondeu: não, moço, não vai, não, que eles é evangélicos e tão tudo fazendo oração. Mesmo assim o policial perguntou: mas, me diz uma coisa, cês vai é pra Lapa mesmo? Aí, o bodão respondeu lá dentro do caminhão: ÉÉÉÉ. Aí o policial falou: ah, então pode ir. Mas, mesmo no caminhão, não era polícia, era bode.

Comentário “O caminhão de bode”

Essa história foi contada pelo senhor Valdemar, onde essa história é muito boa de se ouvir e dar gargalhadas. A gente percebe a esperteza do caminhoneiro, quando se viu sem alternativas para passar das barreiras dos policiais. Acabou inventando uma história que os policiais ainda acreditaram.

2.2. O cachorro sem dente

A outra história é do homem que criava um cachorro caçador. Aí, o cachorro caçador foi ficando vói e caiu os dentes, caçava mais não conseguia segurar mais as caças. Mas, tinha os cachorros mais novos também. Aí, eles foram pro mato caçar. O cachorro mais velho ensinava os mais novos a caçar. Chegou lá o cachorro vói garrou acoando. O homem correu pra lá. Quando chegou perto, ele escutou umas risadas e esbarrou: mas, que negocio é esse rindo aqui no mato? Pois, o homem criou coragem e fez uma picada com facão e chegou lá. Quando ele olha, o cachorro tinha virado o tatu de barriga pra riba e pelejava pra morder a barriga do tatu, fazia cosca e o tatu dava aquelas risadas. O tatu tava era dando rizadas das coscas que o cachorro tava mordendo ele e não conseguia sem os dentes.

Comentário “Cachorro sem dentes”

Dá para entender que essa é uma história ficcional, já que tatú não ri. Ela nos mostra também que o cachorro, apesar de velho e sem dentes, não perdeu o hábito de caçar.

2.3. O catingueiro com o pé de andú

Tem uma história do homem que atirou no catingueiro com o caroço de andú. Aí, o catingueiro saiu correndo. Se passaram um tempo, o cara foi no mato e viu o catingueiro com uns pé de andú nascido.

Aquele caroço de andú que ele atirou nele nasceu uns pé de andú e já tava era grande.

Comentário “O catingueiro e o pé de andú”

Essa história mostra que o catingueiro acabou se beneficiando dos caroços de andú que o homem jogou nele. Porque ele colheu os andús que nasceram depois.

2.4. O leão

O leão ia seguindo aí ele viu dois bodes. O leão disse: vou pegar um agora. Quando os bodes viram, ele garrrou brigando, aí ele chegou e perguntou: que que ocês tem que ta assim? Os bodes responderam: é por que essas terras daqui lá é minha e daqui pra lá é dele e ele quer tirar mais e eu não vou aceitar, agora como ocê chegou cê fica trevessado aqui que eu vou lá no fim do meu terreno e ele vai lá no fim do terreno dele, hora que nós vim de lá onde nois topá, ta dividido. Aí o leão ficou lá trevessado e eles sumiram cada um pro seu lado. Com pouco veio um correndo de lá e outro correndo de cá e marcou bem as costelas do leão e tal. O leão caiu lá rolando de dor e os bode saiu correndo e largaram ele lá. Quando ele miorô, ele espreguiçou, levantou e rompeu, quando chegou mais adiante evinha uma porca com um bocado de leitãozinho aí ele disse: vou pegar essa porca e fazer o quilo. Quando a porca olhou nele falou: ei, cê que vêm aí, cê não quer batizar esses leitão pra mim não? Aí ele pensou, vixi agora danou e se eu batizar os leitão a porca vai ser minha cumade e os leitão meus afiado, aí não vou poder comer nenhum. Mas aí, ele resolveu batizar os leitão e seguiu. Chegou mais adiante tinha uma égua, aí a égua quando viu o leão logo caiu no chão encolhendo o pé e gemeno, e ele chegou ele ia pegar ela, quando ele chegou perto que ela tava gemeno, ele perguntou: o que é que ocê têm que ta gemeno assim? Ela disse: é o estrepe no meu pé, agora que ocê chegô vigia aí se ocê tira ele aí ta doendo demais. Aí ele abaixou cavacando o pé da égua e ela com o pé encuido, ele continuou cavacando pra achar o estrepe, quando pensou que não, ela sentou o pé na testa do leão que ele caiu de costas e a égua levantou e saiu correndo. Aí, ele ficou lá tonto uma hora boa. Quando ele levantou ele disse: eu nunca mais vou ser marco de bode, nem batizar fii de porca e nem tirar estrepe ne pé de égua mais nunca, aí ele caiu fora.

Comentário “O leão”

Essa história relata que o leão tinha um coração bom, mesmo com fome quando ele avistava um bicho pra comer, esses bichos acabavam pedindo ajuda a ele, e ele na tentativa de ajudar sempre se dava mal.

2.5. A raposa

A raposa ia andando, quando ela olhou tinha um galinha ciscando, ela chegou de vagazim e falou: bom dia, amigo comida. Ele disse: bom dia, cês ta muito enganado. Aí, a

raposa perguntou: mais quem que ocê taqui? Ela disse: eu tô mais o amigo cachorro. Aí a raposa tornou a perguntar: mas cadê ele? A galinha respondeu: ele saiu pralí, mas ele volta agora, aí a raposa caiu fora.

“Comentário A raposa”

Essa história mostra a esperteza da galinha. Quando a raposa chegou, ela enganou a raposa dizendo que tinha um cachorro por ali. Assim, ela conseguiu ficar livre de ser comida pela raposa, que saiu em busca do cachorro.

2.6. O coelho esperto

O homem tinha uma horta, coelho tava comendo. Aí, ele foi fez uma armadilha, armou um laço, quando ele chegou lá, o coelho tava lá no laço. Aí o homem foi cortar um chicote pra dar uma surra nele. Aí, a raposa vai passando, ficou oiando, e perguntou: o amigo cuelho, o que que ocê ta fazendo aí? O coelho, quando viu ela, garrou dando uns pulim no laço e “o que que ocê ta fazendo aí amigo coelho”, balançando pra lá e pra cá. O coelho foi e respondeu: ué, amiga raposa, cê não sabe o tanto de dinheiro que eu tô ganhando aqui, cada pulo que dou é um minréis que eu ganho. Aí, a raposa ficou pensando e falou: ô, amigo coelho, ocê podia me dar um hora, pra mim ganhar um pouco de dinheiro, eu tô na misera mesmo, tô precisando de muito dinheiro. Aí, o coelho respondeu: tira aqui então a corda do meu pescoço e põe no seu. Aí, a raposa bem assim fez, tirou a corda do pescoço do coelho e colocou no dela e como ela era maior começou a dar uns pulão bem grande. Ela pensou: cada pulo é dois minréis que eu ganho, já é um lado. Quando pensou que não, e vem o home com o chicote e falo: ah, eu pensei que era o coelho, mas cê também ta me dando prejuizo perainda, pegou essa raposa deu um côro que ela saiu doida. Aí ela ganhou foi o côro, não o dinheiro.

Comentário “A raposa”

Aqui já percebemos a esperteza da galinha pra não virar comida de raposa, acabou bolando uma boa história para a raposa desistir de come-la.

2.7. O Caburé e a Joanica de Barro

Tinha o ninho da Joanica de Barro, a raposa passava oiava pra riba e falava: joga um fiim seu pra mim comer, se não jogar, eu subo lá e como ocêis tudo. A Joanica de Barro ficava com medo da raposa subir lá e jogava. Nisso todos os dias ela vinha. Aí, um dia, o caburé tava oiano, hora que a raposa saiu, ele falou pra Joanica: larga de cê besta, se ocê ficar nessa bestagem, a amiga raposa vai comer seus fi tudo, ela não sobe aí, não, ela tá enganando ocê, ai cê vai e pega seus fiim e dá ele pra cumer, ela não consegue subir aí não. Quando é o outro dia, a raposa chega, oia pra riba e fala: joga um fiim aí pra mim comer, se não eu subo lá e como ocês tudo. A Joanica falou: não, eu não vou jogar, não.

A amiga raposa foi e falou: quem te ensinou isso? Ela respondeu: num sei. A raposa foi e falou: ah, já sei, foi o amigo caburé. Eu vou pegar ele no banho, ele me paga. E rapô pra lá, chegô lá e o caburé tava banhano. A raposa pegô ele, ela pegô ele tava moiado, o caburé esperto falou: cê que sabe, se quiser cumer caburé moiado pro cê vê se ocê cumer amanhã você amanhece com os dentim tudo seco. Aí a raposa ficou com medo. Ele oiava nele assim pra cumer e imaginava morrer. Aí, o caburé falou: oia, alí tem duas muié lavano rôpa, cê passa de junto delas e passa bem pertim dela uma hora, que quando vê você comigo na boca ela vai falar assim: ô fulano, ó a raposa com o caburé na boca. Aí, cê fala assim: é da sua conta. Aí, depois cê pode comer que não têm nada mais não. Aí, a raposa cortou pra lá, quando ela ia passano, as muié tava conversano, aí uma vê e fala assim: oia aí, fulano, a raposa aqui com o caburé na boca. A raposa virou e falou: é de sua conta, o caburé como já tava enchuto foi e vuô, ele só fez isso pra enganar a raposa.

Comentário “O Caburé e a Joanica de Barro”

Nessa história, mais uma vez, se vê a esperteza dos animais, que no caso foi o caburé, para não ser devorado pela raposa a enganou. No início, também vendo o que a raposa fazia com a pobre Joanica de Barro, resolveu ajuda-la dando uns conselhos e logo depois ele que foi a vítima.

2.8. O homem e a raposa

Tem a história do homem que apereceu uma cobra no curral dele, aí ele começou a dar leite pra ela. Aí, ela sequeu, todo dia vinha. No começo, ela tomava leite de uma vaca, quando descuidou ela já tava tomando leite de duas e vai, quando foi um dia, ela já tava

tomando o leite das vaca tudo. Aí, o homem falou: danou. Aí, quando foi no outro dia, ela veio e o homem não deu leite ela. Aí, hora que ele não deu, a cobra botou atrás dele, ele saiu correndo e ela atrás, tudo que topava ele ia perguntando: o bem com que que se paga? Ele respondia: com o mal. Aí, ele dizia: danou, tô morto. Aí, tudo que ele topava, ele perguntava. Aí, topou a raposa e disse: o bem com que que se paga? A raposa falou: chega mais perto, chega mais perto, eu num tô escutando não, tô cum algodão no ouvido, tô de resguardo. Ele chegou perto e disse: o bem com que que se paga? Ela disse: é com o mal. Aí ele contou o causo pra raposa e ela disse: vou dar um jeito pro cê, não vai acontecer nada, não. Aí, ela deu um jeito e distraviou a cobra. Aí, o homem disse pra ela: oia, ocê ta de resguard,o cê vai lá em casa que eu vou lhe dá uns frango pro cê comer. Aí a raposa falou: tabom e lá não têm cachorro não? Tem, mas eu marro. Ela falou: né, porque eu tenho muito medo de cachorro. Pois é, aí cê vai lá.

Quando o home chegou em casa, ele pegou dois cachorros valente e botou lá fora, marrou num arforge, quando a raposa chegou e chamou: ei, oia os cachorros, ne. Os cachorros tava preso lá fora dentro do arforge. Aí, o home deu esses arforge com os cachorro pra ela. Ela saiu correndo, quando chegou lá na frente, ela caiu e os cachorros saiu do arforge e inbiridou quela. Ela saiu correno que nem os fii ela viu mais, mas foi ela mesmo que falou que o bem se pagava com mal, óia aí.

Comentário “O homem e a raposa”

Essa história dá para se refletir sobre acontecimentos reais, pois nem sempre quando a gente faz o bem, recebe o bem em troca.

2.9. O homem e o bicho homem

Tinha um homem que era muito soberbo, quando ele ia matar uma criação, ele ia matar longe. Um dia, diz ele pra ninguém perceber, aí ele pegou um boi e foi matar lá no deserto e pra ninguém perceber, ele só levou o cachorro e um menino. Quando ele chegou lá, que ele matou o boi, ele falou: vixi, agora danou e o fogo que nós não trouxe, aí ele viu uma fumacinha pegô e madô o menino “vai lá onde ta saindo aquela fumaça pedir um fogo pra nós”. Aí, o menino foi, quando chegou lá era o talo do bicho-home. O menino quando viu ficou com medo, que era o bicho-home com o fióte dele. Aí, o menino com medo falô com o bicho-home assim: eu vim aqui porque pai mandou que ocê fosse lá panhar um quarto de

carne. E quando ele falou assim, o bicho-home respondeu: é agora então vamos. Pegou um saquim piquenim e saiu mais o fi e o menino. Quando chegou lá, o bicho falou: eu vim panhar o quarto de carne que ocê mandou. Aí, o home também já ficou com medo daquilo alí. Um bichão enorme, era um homão muito esquisito. Aí o bicho falou que a cerca dele ele arrancava os pau pela raiz e fazia. Aí o home pegô um quarto de carne e deu o bicho que ele pegou e pos la no saquim. Ai, o bicho falou: ocê me despacha que eu quero ir embora. Aí, o home deu outro quarto de gado, e ele pois no saquim. O saquim só era miudim, mas tudo que ele ponhava cabia, dava o menino pra por.

O menino chamava bisogoró: toma bisogoró, põe no saco aí. E aí ele ponhava e aí quando ele disse me despacha que eu quero ir embora, aí quando o home já não tinha mais nada do boi pra dar, o home deu o cachorro e pôs no saquim. Aí a poco não tinha mais nada, ele pôs o menino no saquim e depois ainda ponhô o home tambem no saco e jogou no ombro e carregou. Aí, chegou ele e botô o saco no chão e falô: ó, agora vamo panhar uns pau de lenha, que é pra cozinhar esse barbado véi ainda hoje, que era o home. Aí, o home tinha um canivete, cortou o saco e saiu, tirou o menino e o cachorro e largou as outras coisas lá e já saiu correndo. Quando o bicho voltou, eles já não estavam mais lá, aí mais quase que ele ia.

Comentário “O homem e o bicho homem”

Aqui nessa história já relata a morteza de fome do homem, que para não dividir nada com ninguém, resolveu matar o boi bem longe, mais que no final acabou ficando sem nada, pois o bicho homem comeu tudo e quase que come ele também.

3.HISTÓRIAS CONTADAS PELO SENHOR RUBERTÃO



3.1. O bicho homem

O bicho home, no tempo que existia, no véi testamento diz que uma vez um home saiu no mato e perdeu, chegô numa roça que os pau era rancado pela raiz. Quando ele oiou, tinha aquele homão lá e da roça ele foi pra lá. Quando ele chegou lá junto dele, trevessou na frente dele assim, gritô, o bicho home, ele nem deu valô, e ficô trevessado na frente. Quando o bicho oiô, pegô o home assim nos dedo e falô: que bichim é esse? vou levar pra minha minina vadiá. Aí, o home virô um bunequim, a fia do bicho vadiô, vadiô com esse home até que abusô e pôs ele no chão e mijô nele, que pra ele sair de dentro do mijo precisô nadar, se não fosse nadano ele não saía.

Comentário “O bicho homem”

Essa é uma história dos povos antigos para fazer medo nas crianças.

3.2. História das terras antigamente

Quem foi que chamou por aqui primeiro foi uns grileiros que tinha aqui. Eu trato eles como grileiros, porque naquela época era assim, quem mais chamava essa divisão pra cá foi Cezarão, foi velho Andaleste, Zé de Neco e o finado Manelão, que teve aqui na Barra. Esses aí que foram as pessoas velhas que sempre chamavam o povo para querer chamar a divisão para cá, pra cortar a nossa terra. Tinha aquele órgão chamado de Rural Minas, então eles ficaram muito insistido com isso. Ai, eles acabavam com a gente com esses negócios aí. Discriminava a gente tudo dizendo que a gente num ia ter condições de ficar aqui, que nós ia ter que sair porque nós não ia ter dinheiro para arrematar a terra. E tinha um tal de cadastramento que fazia num tal INCRA, ninguém nem conhecia nesse tempo aí que que era INCRA. Hoje, nós tá conhecendo o que que é o INCRA e naquele tempo ninguém conhecia. Era o tempo que a gente num tinha dinheiro mesmo pra defender, o que agente ganhava era mixaria. Agora eles tinham dinheiro porque era tirado a rico, eles tinham dinheiro porque nesse INCRA tinha uns documentos que fazia na FUNAI, mas só que esses documentos eram falsificados e que eles faziam. Hoje os documentos do INCRA em qualquer lugar eles valem. Hoje, eles são documentos assim que quem tiver eles aí das terras aí do estado pra lá... Então, a gente tem que fazer o documento do INCRA pra poder tirar a terra. E que se fazer ele aí

agora e se a gente fazer a inscrição aí agora a gente sai com a terra, mas aqui como é área de índio, fizeram esse documento, mas ele foi falsificado. Ele era um documento assim, as pessoas podiam fazer porque o que eles queriam era comer dinheiro porque no caso aqui e área indígena então o documento não valia.

Comentário “História das terras antigamente”

Essa é uma historia real da época em que se lutava para ter direito à terra e ele explica quem era as pessoas e órgãos envolvidos .

4.HISTÓRIAS CONTADAS POR DONA ANELI



4.1. Menina encantada

Tinha um homem viúvo que tinha uma menina de 5 anos e arrumou uma mulher que também era viúva e tinha uma filha de 8 anos. Ai, eles dois se casaram, mas a mulher depois do casamento foram morar juntos na chácara do homem e lá ele tinha plantação de tudo quanto é planta. Quando essas plantas tava dando, ele ficava olhando e os passarim tava comendo tudo e ele ficava tangendo: xô bicho diá, xô bicho diá. Ai, ficava olhando o dia inteirim e a mulher levava o de comer pra ele ou então ele mesmo fazia a comida e levava na marmitta pra comer na hora do meio dia. Mas, ai foi acabando o dinheiro que era o das frutas que ele vendia, mas como as frutas não tava no ponto de vender, ele falou: mulher eu vou ir lá em São Paulo e vou ficar lá um ano pra vê se caço um jeito pra gente viver e caçar um dinheirinho pra gente sobreviver. Ai disse que ele falou assim que gostava muito da menina, “mas eu vou pra lá, mas você olha minha menina, você zela dela e zela bem zelada”. Ai, ela falou: bestagem marido, pode deixar que eu olho a menina. Mas, só que, desde que casou, que ela não gostava da menina não, pois quando ele tava pra roça, ela judiava da menina, ela

até batia e na dela ela não batia não. Depois, falou bestagem: pode deixar essa menina, ninguém vai mecher com ela não, pode deixar que eu olho e zelo dela.

Ai, não demorou muito ele viajou e no outro dia ela já colocou a menina pra sofrer: agora que o seu pai viajou ele disse que é pra você olhar os plantios lá e não é pra deixar os passarim comer não. Ai, ela falou assim: bota sua filha pra ir olhar por que ela é maior. Mas, ela falou assim: não, você mesma que vai olhar. Óia o que ela fez, né, a menina com cinco anos: pois é seu pai viajou e deixou os plantio lá, agora você vai ter que olhar os passarim pra não comer os plantio. Aí, disse que ela ia e a bichinha, todo dia todo dia, disse que mandava ela e dava quebra jejum. Mas, só que dava comida, né, e todo dia fazia o de cumer e levava meio dia. Mas, ela ia não era por que gostava, mas era pra vê se a menina tava olhando direito. Mas sabe que menino de cinco anos ainda tem sono na hora do meio dia, depois quando ela chegava lá disse que a menininha tava lá: xô bicho dia, xô bicho diá. O bicho assentava assim, a bichinha não dava conta, o gritim piquenim e inda comia e ela chegava: essa menina parece que é um diabo mesmo, que não tá olhando, que não tá olhando esses bichos, tá deixando eles comer as frutas, cê que não olha essas plantas direito, você vai vê o que eu faço com ucê. E a bichinha não quetava a boca hora nenhuma.

Aí, quando foi com uns três dias que ela tinha costume de dormir, quando o pai tava aí, ela ficou esses três dias sem dormir, aí com esses três dias que o pai tinha saído ela foi disse que gritou, gritou até de tardezinha, já o sol virando. Aí, ela foi bem devagarinho com a comida e a menina quetou: vou lá vê o que ela tá fazendo. Ô, dó, disse que chegou lá, a bichinha tava disse que deu sono foi gritando os bicho e deu sono deitou lá assim de barriguiha pra cima olhando nas plantas e gritando e garrou no sono, aí disse que garrou no sono. O que que essa muiezona fez? Chegou lá, disse que essa bichinha tava lá dormindo. Ela disse: pois é, sua sem vergonha, cê não tem vergonha, deixou os passarim comer as plantas tudo, agora vou ensinar ocê, se tá dormindo agora vou lhe enterrar.

Ai, disse que pegou a bichinha abriu um buracão e disse que botou a bichinha do jeito que ela tava lá, de barriga pra riba, ela apoiou ela lá. Mas, ela pensou que ela ia morrer, né, mas só que ela não morreu, disse que do jeito que ela panhou ela dormindo ela botou ela no chão e tampou, tampou e ela encantou lá debaixo da planta e ficou lá, disse que ficou um ano, com esse um ano que ela ficou lá disse que era só pra mostrar também a injustiça que ela fez. Aí, diz que o mato cresceu assim daí disse que o cabelo dela virou capim, disse que nasceu por cima da terra e só foi crescendo aquela sepona de capim e ficou lá um ano. Com esse um ano, o pai dela chegou e disse que procurou assim: cadê minha finha? Ela falou assim: sei não, deve tá ai nas casas, ela só vive caminhando, deve tá nas casas dos vizim.

Hora, disse que ele catou casa por casa dos vizim e nada dessa menininha aparecer, daí disse que ele já ficou tonto e disse que só apertando eles procurando por essa menina e eles falou que não sabia. Perguntou os negos, eles disseram assim: não sei não, sinhô, não sei pra onde ela foi, não, essa menina sumiu já tá com tempo que ela sumiu, sinhá botou ela pá mode oiá os passarim, ela oiou poucos tempos depois ela sumiu. Eles também não sabiam. Ela fez escondido. Aí disse que quando foi no outro dia, ele não demorou nada não, no outro dia ele chegou e disse assim o nego, ele foi lá no dia que ele chegou, ele foi no plantio, mato já tinha tomado conta de tudo que ela nem importou de botar os negos pá cuidar dos plantios. Aí, disse que ele falou assim: ô nego, amanhã cedim cês vão limpar a chácara lá, moço, cês deixou a chácara encher de mato, os plantio cabou tudim, tá morrendo tudo de mato, eu deixei ucês foi mode ir trabalhando, limpando o plantio e oiando os plantio lá, deixou os bicho comer tudo, esbagaçar tudo. Daí, disse que eles falou assim: tá bom, senhor, de primeiro era assim, eles tinha os nego, os trabalhadores que tinham assim, era chamados de nego. Aí, disse que quando foi no outro dia eles foram, as ferramentas já ficavam lá no ranchinho que tinha que era dele ficar olhando os passarim pra não bagunçar. Aí, deixavam as ferramentas tudo lá, aí eles chegaram lá e tão lá trabalhando, trabalhando, que eles trabalhavam ligeiro. Nego é interesseiro pra mode o sinhô acha que eles tava trabalhando um bando pra mode pagar eles. Daí, diz que trabalhou até quando chegou de baixo desse pé de planta, disse que, ramaiudo assim, disse que era um pé de uva. Quando chegou lá disse que ele bateu a inchada assim no pé de uva, na tossera de capim, do tanto que era o cabelo nasceu de capim assim e virou aquele mundão. Aí, disse que já cantou lá debaixo do chão: nego de meu pai, não me corte meu cabelo que a padраста do meu pai me enterrou pela figa da figueira, xô canarim, xô diá. Aí, disse que o nego ficou assim assustado, disse assim os meninos: o que é que tá cantando aqui parece que é debaixo do chão. Aí, disse que os outros tudo experimentou a cada enxadada era do mesmo jeito: nego de meu pai, não me corte meu cabelo que a padраста de meu pai me interrou pela figa da figueira, xô canarim, xô diá. Aí, os negos colocou a inchada na cacunda e correu pra lá pra casa do sinhô. Aí, e vai tudo correndo, e ele viu eles correndo e disse: o que é nego? O sinhô, sinhô, eu vim aqui porque nós tava trabalhando lá no cabamento, lá tem uma tosserona de capim lá. Aí, nós foi trabalhar nela lá, rumou a enchada lá e tá cantando lá parece que tá cantando debaixo do chão, chega tá aquela toada assim lá debaixo do chão. Aí, ele disse assim: o nego vamo bora lá. Aí, no camim ele disse assim: se não for livuzia daquele diabo que judiou da minha menina, não pode ser outra coisa.

Ele já foi suspense, aí quando chegou lá, ele falou: experimenta aí nego, repara aí pra vê, vocês não tá mentindo não sinhô, é com toda certeza. Aí, disse que tornou cantar quando

rumou a enchada lá na tossera de capim: nego de meu pai não me corte meu cabelo que padrastra de meu pai me enterrou pela figa da figueira, xô canarim, xô diá. Aí, disse que eles foi trabalhando e ela foi cantando, cantando, debaixo do chão. Aí, na derradeira pezim de capim, diz que eles tornou bater, aí tornou cantar: nego de meu pai não me corte meu cabelo que padrastra de meu pai me enterrou pela figa da figueira, xô canarim, xô diá. Esse era o último, aí ele falou: ô, nego pega o enchadão e as cavadeiras e vamos cavacar aqui e toda vez que batia o enchadão ela cantava: nego de meu pai não me corte meu cabelo que padrastra de meu pai me enterrou pela figa da figueira, xô canarim, xô diá. Só que a toadinha dela era fininha porque ela só tinha cinco anos. Aí disse que cavacou, cavacou até rancou e essa menina cantando debaixo do chão. Aí, depois pegou e descobriu ela. Aí, ele falou assim: eu não falei ucês, eu pensei e falei que esse aqui foi serviço daquela escumungada que ela é igual o capeta, que ela é muito marvada, óia o que ela fez com minha menina. Aí ele olhou na cara da bichinha assim, diz que o zoim tava lá limpim debaixo do chão do mesmo jeito, não demudou nada, não só demudou o cabelo, porque o corim fofou tudim assim, porque o cabelo virou só o capim. Ele pegou a menininha e ela não cresceu também, não, ficou do mesmo tamanim dos cinco anos, aí depois que rancou a menina levou ela pra riacho e tinha umas tabas que atravessavam assim e falou: vai nego, lá em casa, panha uma barra de sabão que é pra nois dá um banho nela aqui e traga uma roupa dela lá e sapato, toalha. E deu um banho nessa menina que ela tava encantada, que quando banhou ela ela ficou perfeitinha assim. E a mulher já ficou esmorecida, quando o nego chegou lá pra pegar as coisas e ela perguntou: o que é nego? Aí o nego falou: nada não, sinhá, depois a senhora vai saber. Quando ternou de banhar ela, que vestiu, perguntou ela: ô, minha filha, o que que ocê quer que eu faça com aquela escumungada? Ela falou assim: não meu pai, não faz nada com ela, não, pode deixar ela.

Aí, ele pensou e não falou nada pra ela, não: eu vou fazer um jeito com ela que ela que eu não vejo ela mais nunca também pra ela largar de ser besta. Aí, quando chegou lá na casa com a menina: sua escumungada, o que você fez com minha menina, ocê disse que ela tava nas casas dos vizim, botou eu pra caçar, quando cabar não tava, cê pegou ela e enterrou ela lá. Ele perguntou a menina ae veio na lembrança que ela dormiu: não, meu pai, eu dormi, mas quando eu acordei, eu não tava por cima da terra mais não, eu já tava lá naquele lugar. Aí, ele falou: ô nego, cê vai lá naquele cercado lá e pega dois burros bravos daqueles que nunca levou corda pra mim e peleja lá e marra eles lá e traga eles aqui pra mim. E disse que eles era uns grossão comendo só no capim, sem muntar. Aí, pegou umas cordonas e pegou arriou. Os burros, pra poder ficar mais seguro, cada um com uma sela e não importou se ia

quebrar a sela e nem nada. Pegou a perna dela, marrou e falou: toma nego, a corda marra lá na sela do burro. E falou: toma, nego, marra na outra sela lá e depois cêis leva e segura na corda, depois cêis toca os burros e mete o chicote pra eles correrem e pode soltar a corda depois que passarem da cancela. O moço nem chegou na cancela os burros partiu ela nas bandas, esquartejou ela tudim, os burros assim bravo espantado da corda com essa muié, rastando aí que eles ficou doido que os burros jogava ela de qualquer jeito assim, cabeça foi pra um lado, pernas foi pra outro, os braços pra outro, disse que virou só o bagaço assim, iantes de chegar no cercado, chegou lá no cercado limpim só com a sela. Aí ele falou: toma escumungada. A filha dela que ficou já tava moça, aí ele falou: ô, escumungada, você é filha da outra escumungada véia, então cê panha sua troxa, suas coisas tudim que tiver e pode puxar o carro, pode sair daqui, eu não quero mais ninguém aqui, pode desocupar a casa, quero criar minha fia, agora vou criar ela bem criada, não vou sair mais pra deixar ninguém judiar. Aí diz que essa meninona ribou essa troxona e saiu no mundo chorando por que ela não tinha lugar de ficar. E o homem foi criar a menina que ficou moça. Ele casou ela e bem casada e ela foi viver com seu marido e ele ficou satisfeito.

Comentário “A menina encantada”

Essa é uma história de encantamento, onde relata a malvadeza de uma madrasta com sua enteada. O marido saiu e deixou sua filha aos cuidados da mulher, que aproveitou a ausência para judiar da menina, que foi enterrada viva. Mas, como era inocente encantou-se.

4.2. O macaco e a cobra

Diz que o macaco chamou a cobra pra fazer uma reunião, pra fazer uma festa, aí a cobra igual uma besta, comprou coisa, comprou coisa, comprou mais coisa do que o macaco. O macaco comprou pouco e a cobra, igual uma besta, comprou bem um bandão de coisa, diz que alegre pra comer, pra fazer as panelada. Aí, quando chegou o dia da festa, a cobra diz que saiu juntando esses bichim tudo, saiu juntando tudo quanto era bicho pra fazer a festa, fazer um baile pra dançar. Aí, a cobra chegou na festa, e cobra só vive enrolada, ai chegou e fez só enrolar, fez aquela rudiona lá no canto e ficou lá. Aí, as bicharada foram chegando tudo, com sanfona, pandeiro, o macaco já garrou pulando de todo jeito, os barbado, tudo quanto foi bichim. Os soim, aí começaram a cantar:

A cobra mais o macaco, qui qui qui quiriral,
Fizeram uma panelada, qui qui qui quiriral,
Depois da panelada, qui qui qui quiriral,
A cobra saiu lograda, qui qui qui quiriral.

Aí eles dançou, dançou, aí parou e falou: e agora, nós vamos comer, já cansamos de dançar, agora vamos comer, depois nós dança mais. Aí, frecharam nessas panelas, muntuaram nessas comidas, comeram tudo. Ninguém lembrou da cobra, que era dona também, nem pra dizer assim: vêm cobra comer também, tá na hora. Aí a cobra tá lá no canto enrolada, quando vinha um dançando cá perto dela, a cobra falava: xii, aqui no meu canto ninguém num pisa, xii, aqui no meu canto ninguém num pisa. Só chiano assim. Aí, quando foi de madrugada, eles ainda sentaram o pau dançano todos de barriga cheia, menos a cobra. E continuaram cantando:

A cobra mais o macaco, qui qui qui quiriral
Fizeram uma panelada, qui qui qui quiriral,
Depois da panelada, qui qui qui quiriral,
A cobra saiu lograda qui qui qui quiriral.

Aí, quando a cobra ouviu aquilo, desenrolou e foi olhar as panelas, oia ne uma, oia na outra e viu as panelas tava tudo limpa, sem nada de comida. Aí, ela só saiu e enrolou lá no cantinho de novo e quando foi no romper do dia, a macaco continuou dançando e cantando:

A cobra mais o macaco qui qui qui quiriral
Fizeram uma panelada, qui qui qui quiriral,
Depois da panelada, qui qui qui quiriral,
A cobra saiu lograda, qui qui qui quiriral,

Ai quando tava quase amanhecendo o dia, o macaco falou assim: ó, os menino, nós vamos sair é doido daqui, porque se não, se dona cobra der fé de nós aqui, ela vai picar nós, então, vamos embora e deixar ela aí no canto dela. Aí, juntaram toda a bicharada e saíram tudo. Acabou a festa e a cobra ficou lá enrolada. Quando foi bem cedo que ela foi sair de lá, a festa era do macaco mais a cobra, mas o macaco era esperto demais.

Comentário “A cobra e o macaco”

Essa história é de um macaco e uma cobra que resolvem fazer um panelada, ou seja, uma janta. Só que no final eles lograram a cobra, deixando ela sem comer.

4.3. Bitu

A menina disse assim: ó, mãe, eu vou pegar uma piabinha pra mim criar aqui, que a bichinha é tão bonitinha, fica lá pulano com eu. Por que ela dava dicumê, aí as bichinha ficava assim pulano, aí ela achava bonito. A mãe falava assim: menina, cê larga de livusia, cê não vai panhar esse peixe pra cá, não, que esse peixe vira bicho e come gente. Ô, moca, como é que ela fez? A mãe foi pra roça e diz que a menina já tava meio grandinha, tinha uns oito anos por aí. É que a mãe ensinava fazer as coisas desde cedo e a mãe tecia pano e fazia almofada e a mãe ensinou a menina também. Quando a mãe ia pra roça, ela ficava fazendo almofada ou renda lá. Aí, a menina falou: home, eu vou é lá na fonte pegar a piabinha e botar aqui no coxo, pra mode eu criar. Aí, ela jogou dicumê pra piabinha e pegou ela e levou pra casa e botou ela lá dentro do coxo. Aí disse que a mãe dela chegou da roça, a menina falou: mãe, eu peguei a piabinha lá, a bichinha é tão bonitinha, mãe, eu peguei pra mim criar. A mãe falou: cê não vai pegar essa piabinha, que ela vira bicho e come gente. A menina respondeu: não mãe, ela não vira, não, ela é pequeninha. Aí todos os dias a mãe ia pra roça, mas o pai e ela ficava fazendo a renda. Aí, diz home, certo dia, só foi a mãe mais o pai pra roça, mas a valença é que a roça era perto. Aí, quando a mãe saiu mais o pai, essa piabinha virou um bichão imundo, assim, e disse que saiu do coxo e botou na menina que ia pulano assim em cima dela, pra pegar ela. Aí, diz que a menina batia a almofada, assim: chô bicho, diacho. E esse bicho, assim, com aquele dentão seco pra pegar ela. O jeito que ela teve foi subir na parede que era de vara. Ela subiu nas paredes e foi cantando buraco por buraco, até ficou lá em cima na cuminheira da casa, e gritando a mãe:

Ô meu pai, ô minha mãe,
O peixe ta me chamando,
O peixe ta me chamando,
Bitu, bitu, bitu, vêm cá,
Bitu, bitu, bitu vêm cá,

Aí a menina gritou, gritou e gritano direto:

Ô meu pai, ô minha mãe,
O peixe ta me chamano
O peixe ta me chamano,
Bitu, bitu, bitu vêm cá,
Bitu, bitu, bitu vêm cá,

Aí diz que a mãe tava trabalhando, ela escutou e falou: ó, fulano, lá em casa tá uma zuada, gritano, e a menina ficou lá só. A mãe imaginou e agora se essa menina foi fazer alguma coisa lá e se queimou tá uma gritaiada lá. Aí deixaram as enxadas lá e saíram correndo, e essa menina gritano, gritano, ô minha mãe, ô meu pai:

O peixe ta me chamano,
O peixe ta me chamano,
Bitu, bitu, bitu vêm cá,
Bitu, bitu, bitu vêm cá,

Aí quando a mãe ia chegando na porteira escutou a menina chamando:

Ô minha mãe, ô meu pai,
O peixe ta me chamano,
O peixe ta me chamano,
Bitu, bitu, bitu vêm cá,
Bitu, bitu, bitu vêm cá,

Aí a mãe foi logo falando, que gritaiada é essa em cima dessa casa. Quem mandou cê subir aí? Aí, a menina disse: ô minha mãe, o peixe virou um bichão e tá querendo me comer. Aí, quando a mãe botou o pé pra dentro da porteira, aí que o peixe pulou lá dentro do coxo e ficou lá a piabinha pulando. Aí, a mãe perguntou: cadê esse bichão? A menina respondeu: taí, minha mãe, ela tava aí. Aí, quando foram olhar lá no coxo, ela tava lá. A mãe perguntou: mas, que bicho era esse? Aí ela disse: ô, minha mãe, eu tava aqui fazendo almofada e a piabinha saiu lá do coxo feito um bicho, queria pular ne eu pra comer, aí eu tive que subir lá na cumineira, porque eu rumava a almofada, ela só fastava pra lá e tornava vim. Aí, a mãe

disse assim: sua sem vergonha, panha essa piaba nesta hora e vai sortar ela lá dentro do riacho de novo, quem mandou cê pegar ela pra mode trazer ela pra virar bicho, eu com cê, cê é muito teimosa, nunca mais cê vai ficar com teima, quando a mãe falar uma coisa cê atende. Aí, diz que a menina pegou essa piaba, soltou lá dentro do riacho de novo, aí a piabinha saiu abanando o rabo e sumiu.

Comentário “Bitu”

Essa historia e muito usada pelos pais para fazer medo nas crianças desobedientes. Chama atenção para a necessidade das criança escutarem o que os pais falam com elas.

4.4. Colondina

De primeiro tinha um pai que criou sua filha. Ela era princesa e ele o rei. E tinha um palácio, que ela era criada nesse palácio, tinha um quarto, que tinha de tudo que ela precisava, e tinha uma reserva para ela comprar tudo que desejava. Diz que ela era linda, linda, linda, até os pais dela mesmo achava ela linda. Sei que o pai dela achou ela bonita até demais que interessou na filha. Daí, quando ela ficou moça, ele deu pra falar besteira com ela, gavando ela que ela era bonita, que ela era linda, como se ele fosse um rapaz, e jogava palavriados nela. E ela dizia assim: será que que meu pai ta pensando que eu sou filha dele, que ele fica jogando esses palavriados? Depois, ele falou pra ela que desejava ela, pra ela se perder com ele, que ele desejava que ela fosse mulher dele e ele marido dela. Aí, ela falou assim: meu pai o senhor ta ficando doido? O senhor ta sabendo que eu sou sua filha, cuma que vou virar mulher do senhor? que que o senhor ta pensando? Aí, foi nisso, foi nisso, aí, quando foi um dia, ele tornou falar de novo, falou várias vezes e ela caia fora. Aí, esse dia tava danado mesmo, o cão ficava no cabo dele, atentando, futucando, botano a cela e arrochando a cela. Depois, ele falou assim: ô, minha filha, ocê é tão linda que desejo ficar com cê, desejo que ocê seja minha nulher, e se ocê não falar hoje que vai ser minha mulher e eu seu marido, de hoje em diante ocê não vai comer nada, vai comer só o prato de sal. Aí, ele deu três dias pra ela decidir. Aí, falou com ela: quero sua decisão amanhã, se ocê vai ficar comendo o prato de sal todo dia, ou se vai querer se perder comigo, se ocê comer o sal, cê vai morrer, se não comer e se perder comigo vai viver.

Aí que ela decidiu no outro dia. Aí ela falou assim: ó, meu pai, o senhor ta é doido, porque tá sabendo que eu sou filha do senhor e o senhor me fala essas palavras comigo. Aí,

ele logo falou: se ocê não decidir até amanhã, amanhã mesmo já te mando um prato de sal pra ocê comer, todos os dias vou mandar o prato de sal e não é procê comer outra coisa e nem beber água. E ela respondeu assim: pois eu juro por Deus que vou comer o prato de sal todos os dias e não beber água do que errar com o senhor, por que o senhor é meu pai. A moça se chamava Colondina. Aí, diz que no outro dia ele levou o prato de sal na hora do café, e ele é de levar o bolo com café ou outra coisa. O prato que eles mediam era um salamim de pau. Aí, ele falou assim: esse é o dicumê que trouxe pro cê, agora cê têm que comer tudim. E o sal era aquele sal de pedra que corta o figado da gente tudo. Aí, ela disse: pois é, eu não vou errar com o senhor porque o senhor quer que eu seja sua mulher, eu vou comer esse prato de sal e sei que eu vou morrer, mais não me perco com senhor. Aí, ela comeu esse prato de sal tudo. Quando foi o sol virando, ela já foi sentindo sede, ela sentia sede mais não quis dizer nada, só que aí ela não aguentou. Diz que na hora do meio dia os anjos cantam todos os dias, eles ficam cantando, os anjos tavam protegendo ela. Eles cantavam pra ela, ela comendo esse sal e esse sal apertando, apertando por dentro, aí ela pediu água pro pai dela:

Meu pai, meu coração

Meu pai, meu coração

Manda me dar um jarro d'gua

Manda me dar um jarro d'gua

Colondina minha filha

Colondina minha filha

Água eu não posso te dar

Água eu não posso te dar

Colondina minha filha

Colondina minha filha

Têm que ser minha namorada

Têm que ser minha namorada

Depois disso, ele saiu pra passar na fazenda, enquanto isso a mãe foi ver como tava Colondina. Só que antes dele sair, ele falou assim: se alguém dá água pra Colondina, eu mando matar. Ele tava com o coração tão mal que tava prometendo até matar.

Aí depois, Colondina já cantou pra sua mãe:

Minha mãe, meu coração
Minha mãe, meu coração
Manda me dar um jarro d'água
Manda me dar um jarro d'água

Colondina minha filha
Colondina minha filha
Água eu não posso te dar
Água eu não posso te dar
Se o seu pai souber um dia
Se o seu pai souber um dia
Ele manda me matar
Ele manda me matar

Ave Maria, minha mãe
Ave Maria, minha mãe
Pelo santo do altar
Pelo santo do altar

Aí, ela parava, passando uma hora, ela lembrava dos irmãos, que eram um bocado, que ela pedia de um por um, pedindo essa água, mas ninguém dava com medo. Porque se eles dessem, o homem acabava com a família tudo, porque o rei já tinha dito se alguém desse água ela, que mandava matar. Aí, Colondina cantava:

Meu irmão, meu coração
Meu irmão, meu coração
Manda me dar um jarro d'água
Manda me dar um jarro d'água

Colondina, minha irmã
Colondina, minha irmã
Água eu não posso te dar
Água eu não posso te dar
Se o meu pai souber um dia

Se o meu pai souber um dia

Ele manda me matar

Ele manda me matar

Ave maria meu irmão

Ave maria meu irmão

Pelo santo do altar

Pelo santo do altar

E ela ia cantando até passar pelos irmãos e irmãs tudo, durante esses três dias, ela pedindo ele água. Ela pedia primeiro ao pai, porque ele já amanhecia o dia conversando com ela, que ele tinha parte com o bicho. Aí, ele jogava as palavras nela e picurava se ela já tinha arrependido de ter comido o sal. Chegando lá, ele perguntava: Colondina, minha filha, cê já se arrependeu de comer o sal, se ocê já arrependeu, eu quero errar com ocê e ocê errar com eu, quero ser seu marido e ocê minha mulher. Ela sempre falava que não: Ave Maria, meu pai, o senhor pode trazer o sal que eu como. Mandava trazer já com medo de errar com ele, porque não podia. Então, ele ia lá, media o prato de sal e dava pra ela comer e falava: é pro cê comer tudo e não é pra pedir água pra beber não, um pai do coração desse.

Aí inteirou os três dias. Na hora do meio, dia pra mode atetação, ele sempre saía, pra dar tempo dela pedir água os outros:

Meu pai, meu coração

Meu pai, meu coração

Manda me dar um jarro d'gua

Manda me dar um jarro d'gua

Colondina, minha filha

Colondina ,minha filha

Tem que ser minha namorada

Tem que ser minha namorada

Ave Maria, meu pai

Ave Maria, meu pai

Pelo santo do altar

Pelo santo do altar

Minha mãe, meu coração

Minha mãe, meu coração

Manda me dar um jarro d'água

Manda me dar um jarro d'água

Colondina, minha filha

Colondina, minha filha

Água eu não posso te dar

Água eu não posso te dar

Se seu pai souber um dia

Se seu pai souber um dia

Ele manda me matar

Ele manda me matar

Ave Maria, minha mãe

Ave Maria, minha mãe

Pelo santo do altar

Pelo santo do altar

Meu irmão meu coração

Meu irmão meu coração

Manda me dar um jarro d'água

Manda me dar um jarro d'água

Colondina, minha irmã

Colondina, minha irmã

Água eu não posso te dar

Água eu não posso te dar

Se meu pai souber um dia

Se meu pai souber um dia

Ele manda me matar

Ele manda me matar

Ave Maria, meu irmão
Ave Maria, meu irmão
Pelo santo do altar
Pelo santo do altar

Sempre quando ele saía, ele encomendava, e Colondina escutava também. Ele falando assim: eu vou sair, mas, se ocês derem água a Colondina, eu vou mandar matar todo mundo. Eles ficavam assustados e a mãe garrava chorando mais os outros filhos, todo mundo com dó de Colondina, pensando que ela ia morrer. Aí, quando ele saía, Colondina sempre cantava, pedindo água à mãe, aí a mãe garrava chorando mais os irmãos.

Depois dos três dias, ele amanheceu lá zuando, dizendo que nesse dia ela ia dispensar o sal, para se perder com ele. Ele ia lá só e não levava ninguém não, quando chegou lá e tava com o prato de sal, ela pediu água cantando para o pai:

Meu pai, meu coração
Meu pai, meu coração
Manda me dar um jarro d'água
Manda me dar um jarro d'água

Colondina, minha filha
Colondina, minha filha
Tem que ser minha namorada
Tem que ser minha namorada

Ave Maria, meu pai
Ave Maria, meu pai
Pelo santo do altar
Pelo santo do altar

Aí, ele jogou a conversa nela de novo: ocê já resolveu errar comigo, ou ocê resolveu comer o sal? Ela disse: eu resolvi comer o sal, o senhor sabe que eu sou sua filha e vem com esse negócio de jogar conversa ne eu, já sabe que eu como o sal mais não erro com o senhor. Ele foi lá, encheu o prato de sal e deu pra ela: aqui é pro cê comer tudim e não é pra beber

água. Aí, ela comeu esse prato de sal tudim, tudim. Aí, ele falou: eu vou alí e volto já, se ocês derem água à Colondina, cês vão ver o quê eu faço, eu mando matar ocês tudo. Essa foi a derradeira vez que ela pediu água à sua mãe:

Minha mãe, meu coração
Minha mãe, meu coração
Manda me dar um jarro d'água
Manda me dar um jarro d'água

Colondina, minha filha
Colondina, minha filha
Água eu não posso te dar
Água eu não posso te dar
Se seu pai souber um dia
Se seu pai souber um dia
Ele manda me matar
Ele manda me matar

Ave Maria, minha mãe
Ave Maria, minha mãe
Pelo santo do altar
Pelo santo do altar

E ela pediu à mãe, mas tava quase morrendo. Mas, aí, ela pediu mais uma vez pro irmão:

Meu irmão, meu coração
Meu irmão, meu coração
Manda me dar um jarro d'água
Manda me dar um jarro d'água

Colondina, minha irmã
Colondina, minha irmã
Água eu não posso te dar

Água eu não posso te dar
Se meu pai souber um dia
Se meu pai souber um dia
Ele manda me matar
Ele manda me matar

Ave Maria, meu irmão
Ave Maria, meu irmão
Pelo santo do altar
Pelo santo do altar

Aí, o menino desceu correndo e falou para mãe. A mãe disse: ocê vai lá pega aquela jarra maior e enche de água, ocê vai correndo, dá à Colondina, e diga ela que vira na boca e joga a jarra pela janela. Assim o menino fez: chegou lá deu a jarra de água à ela, e ela virou essa jarra tudo na boca, depois só escutou o barulho da jarra caindo. E a mãe rudiou para ir lá atrás pegar a jarra, e de lá mesmo, onde Colondina jogou a jarra, ela já caiu de costas e morreu. Quando a mãe voltou com o copo, os anjos já estavam cantando, pois eles já estavam com ela, porque ela não quis errar e eles tomaram de conta pra ela não errar mesmo.

A cama de Colondina
A cama de Colondina
Ta circulada de flor
Ta circulada de flor

A cama do pai dela
A cama do pai dela
Ta circulada de fogo
Ta circulada de fogo

Quando a mãe foi no quarto dela, ela tava lá morta em cima da cama. E a cama coberta de flor até as paredes estavam cheias de flor. Só via o rostinho dela no meio das flores e o quarto do pai dela tava aquelas labaredas de fogo. Por que ela tava no céu e ele tava no inferno.

Comentário “Colondina”

Essa é uma história muito triste, pois relata o desrespeito e crueldade de um pai com sua filha, querendo obrigá-la a ceder seus caprichos de se entregar a ele. A mesma, não aceitando, preferiu comer sal até a sua morte para não ter que pecar com o seu pai. A gente pode ver que isso também é muito comum no mundo real, pois tem muitas pessoas de coração ruim que abusam de crianças e adolescentes sem terem o menor respeito .

5. REUNINDO NARRADORES XAKRIABÁ





Na dissertação de Célia Xakriabá (2018), ela realizou uma oficina de reativação da memória para que as pessoas se lembrassem dos elementos que constituem a educação territorializada: o barro, o genipapo e o giz. Nós fizemos um encontro reunindo nossos narradores Xakriabá e esse encontro foi como uma oficina de reativação da memória, porque muitas memórias eles acabaram retomando a partir do momento em que um começava a contar uma história o outro se lembrava de outra e assim por diante.

Vimos a importância de momentos como o que vivenciamos para a gravação das narrações. Foi importante para nós e para todos os narradores envolvidos neste trabalho. Eles falaram para nós, que tinha muito tempo que eles não se encontravam e também muito tempo que não conversavam e iam nos lugares onde fomos: as lapas, nas proximidades da casa de seu Robertão.

Percebemos que estar em um lugar também pode ajudar na rememoração de histórias do nosso povo. No caso das lapas são um lugar onde foi habitado pelos antigos e onde seu Robertão mora justamente por estar guardando o vínculo com os antigos.

No final desse trabalho nós fizemos um arquivo com as histórias registradas em áudio e em vídeo, além desse material apresentado aqui, que são as histórias transcritas por nós. Queremos editar esse material para fazer um filme. E também apresentar essas histórias para os nossos narradores e nas escolas para os jovens.

Acreditamos que mostrar as imagens também pode ser uma forma de reativar a memória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nós agrupamos as histórias por entrevistados. No capítulo 1, começamos com as histórias ficcionais e depois com as reais do senhor Raimundo Nonato. No capítulo 2, colocamos as histórias do senhor Valdemar. No capítulo 3, introduzimos as histórias contadas pelo senhor Robertão. E, no último capítulo, o capítulo 4, colocamos as histórias de dona Anelí.

Essas histórias têm em comum é que são todas histórias antigas. Mas, cada contador tem um estilo próprio de contar suas histórias. Foi por isso que optamos por organizar o trabalho a partir de cada contador de história.

Ao escutar essas histórias, aprendemos que temos mesmo que buscá-las e registrá-las, pois elas nos trazem muito conhecimento, da nossa cultura e dos nossos antepassados.

Essas histórias que foram gravadas podem ser utilizadas nas escolas, como meio de aprendizagem e transmissão de conhecimento dos mais velhos na nossa vida e na história do nosso povo.

O fato de nós termos reunido nossos mais velhos para contação de história foi um dia muito alegre para nós e de muita satisfação para os nossos mais velhos. Eles se lembraram de muitas histórias que não contavam há muito tempo quando se encontraram e começaram a contar as suas histórias.

Com este trabalho, nós fizemos um arquivo com as histórias gravadas em sons, imagens e fotografias. Nós queremos fazer um filme com esse material. Queremos mostrar essas imagens para os nossos mais velhos e também para os jovens nas escolas. Acreditamos que eles vão se lembrar de mais histórias com isso.

Assim, nós acreditamos que vamos incentivar e valorizar as nossas bibliotecas vivas que são os mais velhos!



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORREA XAKRIABÁ, Célia Nunes. O Barro, o Genipapo e o Giz no fazer epistemológico de Autoria Xakriabá: reativação da memória por uma educação territorializada. **Dissertação de Mestrado**, UNB. Brasília (DF), 2018.

